



Personagens

DUQUE, exilado.

FREDERICO, seu irmão, usurpador de seus domínios.

AMIENS }
JAQUES } nobres que vivem com o duque banido.

LE BEAU, cortesão a serviço de Frederico.

CARLOS, lutador.

OLIVÉRIO }
JAQUES } filhos de sir Rolando de Boys.
ORLANDO }

ADÃO }
DENIS } criados de Olivério.

TOQUE, bobo.

SIR OLIVÉIO SUJATEXTO, vigário.

CORINO }
SÍLVIO } pastores.

GUILHERME, rústico, apaixonado de Audrey.

Um personagem que representa Himeneu.

ROSALINDA, filha do duque banido.

CÉLIA, filha de Frederico.

FEBE, pastora.

AUDREY, camponesa.

Nobres, pajens, caçadores e criados.

Cena

A princípio, no jardim de Olivério, perto da casa; depois, na corte do usurpador e na floresta de Ardenas.

Ato I · Cena I

*Jardim da casa de Olivério.
Entram Orlando e Adão.*

ORLANDO · Pelo que me lembro, Adão, passou-se deste modo: legou-me em testamento miseráveis mil coroas e, como o disseste, ao dar a bênção a meu irmão, encarregou-o de educar-me condignamente. Aí é que principiam as minhas atribulações. Meu irmão Jaques, ele internou num colégio, espalhando a Fama coisas miríficas do seu aproveitamento. Quanto a mim, educa-me em casa como a um rústico, ou, para expressar-me com mais acerto, conserva-me aqui sem dar-me educação; porque, a respeito de um cavalheiro da minha estirpe, poderá chamar-se educação o que não se diferencia do tratamento que recebe o boi no estábulo? Seus cavalos são cuidados com mais zelo, porque além da bela aparência que lhes granjeia a alimentação, recebem lições de montadores contratados por alto preço; ao passo que eu, seu irmão, com ele só ganho o crescimento, do que lhe devem ser igualmente agradecidos os animais de sua propriedade, que passam a vida a espojar-se na imundície. Além desse nada que me permite com tanta generosidade, sua conduta como que me priva do pouco que a natureza me concedeu; faz-me tomar as refeições com os criados, exclui-me do lugar de irmão e, tanto quanto lhe é possível, mina com a minha própria educação a nobreza que me é ingénita. É isso, Adão, que me amofina; o espírito de meu pai, que penso trazer dentro de mim, principia a insurgir-se contra semelhante servidão; já não me é possível suportá-la, conquanto não saiba de nenhum meio eficaz para livrar-me dela.

ADÃO · Aí vem meu senhor, vosso irmão.

ORLANDO · Fica à parte, Adão, para veres como ele me trata.

(Entra Olivério.)

OLIVÉRIO · Então, senhor, que fazeis aqui?

ORLANDO · Nada; nunca me ensinaram a fazer coisa alguma.

OLIVÉRIO · Que estais, então, a estragar?

ORLANDO · Ora, senhor; ajudo-vos a estragar, por meio da ociosidade, o que Deus fez, este vosso indigno irmão.

OLIVÉRIO · Arranjai ocupação melhor, para que não fiquéis inútil pelo menos uma vez.

ORLANDO · Hei de guardar os vossos porcos e comer vagens com eles? Que patrimônio de filho pródigo eu desbaratei, para chegar a semelhante miséria?

OLIVÉRIO · Sabeis onde estais, senhor?

ORLANDO · Perfeitamente, senhor, no vosso jardim.

OLIVÉRIO · E sabeis ante quem vos encontrais?

ORLANDO · Sim, melhor do que sabe quem eu sou quem eu tenho diante de mim. Sei que sois meu irmão mais velho; e, pelos brandos laços do sangue, como tal me deveríeis conhecer. A cortesia das nações vos concede a supremacia, por serdes primogênito; mas a mesma tradição não me priva do meu sangue, ainda que entre nós houvesse vinte irmãos de permeio. Tenho em mim tanto de meu pai quanto vós, embora concorde que o fato de haverdes nascido primeiro vos coloca mais próximo do respeito devido à pessoa dele.

OLIVÉRIO · Como assim, rapaz?

ORLANDO · Devagar, irmão mais velho; nisso sois ainda muito jovem.

OLIVÉRIO · Queres bater-me, vilão?

ORLANDO · Não sou vilão; sou o filho mais novo de sir Rolando de Boys. Foi ele o meu pai; e é três vezes vilão quem disser que semelhante pai gerou vilãos. Se não fosses meu irmão, não retiraria esta mão de tua garganta, enquanto esta outra não te houvesse arrancado a língua, por haveres dito semelhante coisa; insultaste a ti mesmo.

ADÃO · Meus bons senhores, calma; pela memória de vosso pai, reconciliai-vos.

OLIVÉRIO · Larga-me, digo.

ORLANDO · Só vos largarei, quando me aprover; tereis de ouvir-me. Meu pai vos encarregou em seu testamento de dar-me boa educação; criastes-me como a um rústico, obscurecendo em mim e ocultando de mim todas as qualidades de um gentil-homem. O espírito de meu pai, dentro de mim se torna forte; não posso suportar isso por mais tempo; deixai-me, portanto, praticar os exercícios próprios de um cavalheiro, ou entregai-me o mísero pecúlio que meu pai me deixou em testamento, para que eu possa tentar a fortuna.

OLIVÉRIO · Que farás com ele? Pedir esmola, depois de o dissipares? Muito bem; entrai; não mais me preocuparei convosco; tereis uma parte do que almejais. Peço-vos que me largueis.

ORLANDO · Não vos molestarei mais; daqui por diante, senão no que for de direito.

OLIVÉRIO · Acompanha-o, velho cão.

ADÃO · “Velho cão” é a minha recompensa? Sim, é certo, perdi os dentes em vosso serviço. Que Deus tenha o meu velho senhor em sua guarda; jamais ele teria dito semelhante coisa.

(*Saem Orlando e Adão.*)

OLIVÉRIO · Ah! é assim? Já estais ficando maior do que eu? Pois vou curar-vos a exuberância e, ainda, sem dar as mil coroas. Olá, Denis!

(*Entra Denis.*)

DENIS · Vossa Honra chamou?

OLIVÉRIO · Não estava aí Carlos, o atleta do duque, para falar comigo?

DENIS · Com vossa licença, ele se encontra à porta e insiste para entrar.

OLIVÉRIO · Manda-o entrar.

(*Sai Denis.*)

Será um meio excelente, e a luta se realizará amanhã.

(*Entra Carlos.*)

CARLOS · Bom dia para Vossa Honra.

OLIVÉRIO · Bom monsieur Carlos, qual é a novidade mais nova na nova corte?

CARLOS · Não há novidades na corte, senhor, a não serem as novidades velhas, isto é, que o velho duque foi banido por seu irmão mais moço, o novo duque, e que três ou quatro leais nobres se exilaram voluntariamente com ele; suas terras e rendas enriquecem o novo duque, motivo por que este lhe deu permissão para vaguearem.

OLIVÉRIO · Podeis informar-me se Rosalinda, a filha do duque, foi exilada juntamente com o pai?

CARLOS · Oh, não! porque a filha do duque, sua prima, criada com ela desde o berço, a ama de tal modo, que a teria acompanhado para o exílio, se viesse a ficar sem a sua companhia. Encontra-se na corte, dedicando-lhe o tio tanta afeição como à própria filha. Jamais se viram duas raparigas que se estimassem tanto como estas.

OLIVÉRIO · Onde irá viver o velho duque?

CARLOS · Dizem que presentemente ele se encontra na floresta de Ardenas, com muita gente de espírito

folgazão, vivendo como o velho Robin Hood da Inglaterra; contam, ainda, que não há dia em que jovens fidalgos não afluam para onde ele se acha, a fim de com ele passarem o tempo sem preocupações, como na idade de ouro.

OLIVÉRIO · Dize-me uma coisa: vais lutar amanhã diante do novo duque?

CARLOS · Decerto, senhor; e vim procurar-vos justamente para falar-vos sobre esse assunto: fui informado em segredo de que vosso irmão mais moço, Orlando, tenciona vir, disfarçado, tentar uma queda comigo. Amanhã, senhor, a luta para mim é questão de honra, devendo considerar-se feliz quem sair sem um membro fraturado. Vosso irmão ainda é moço e grácil; pesar-me-á, pelo amor que vos dedico, ter de tratá-lo como, à vista do meu nome, será de necessidade que o faça, no caso de ele apresentar-se. Por isso foi que vim informar-vos do que há, levando em conta, ainda, a afeição que vos dedico, para que o façais mudar de intento ou não leveis a mal que de ruim lhe possa acontecer; é coisa que ele mesmo procura, sem que nisso entre a minha vontade.

OLIVÉRIO · Carlos, agradeço-te o amor que me tens e que saberei recompensar com generosidade. Eu também fui informado deste propósito do meu irmão e, por trás das cortinas, tentei dissuadi-lo; mas ele já decidiu. Digo-te uma coisa, Carlos: em parte nenhuma da França há rapaz mais teimoso e mais cheio de ambição; é um invejoso das boas qualidades de todo o mundo, um vilão dissimulado que conspira contra mim, seu próprio irmão de sangue. Por isso, procede como te aprouver. Por mim, prefiro que lhe quebres o pescoço a lhe torceres um dedo. E toma cuidado, porque, se chegares a ofendê-lo, ou se ele não conseguir fama à tua custa, há de procurar envenenar-te, ou atrair-te para alguma cilada, valendo-se de algum plano traiçoeiro, não te deixando em paz enquanto não te houver tirado a vida desta ou daquela maneira; porque, posso asseverar-te — e é quase com lágrimas que o faço — que não há no mundo criatura tão jovem e tão perversa. E note-se que falo ao mesmo tempo como irmão, porque se eu fosse anatomizá-lo para mostrar-te como ele é, ficaria corado e choraria, ao passo que tu empalidecerias de estupor.

CARLOS · Alegro-me por vos ter procurado. Se ele se apresentar amanhã, dar-lhe-ei o merecido troco.

Se voltar por suas próprias pernas, nunca mais lutarei para conquistar nenhum prêmio; e com isso, Deus guarde Vossa Honra.

OLIVÉRIO · Adeus, meu bom Carlos.

(Carlos sai.)

Agora vou espicaçar esse lutador; ainda me alimenta a esperança de ver-lhe o fim; minha alma, não sei por quê, a nada tem mais ódio do que a ele. No entanto é afável; sem haver jamais freqüentado escola, é instruído e cheio

de projetos generosos; capta a simpatia de todos, como por magia, apoderando-se, realmente, por tal modo do coração de toda a gente, máxime dos meus próprios homens, grandes apreciadores dele, que eu me vejo relegado para plano inferior. Mas isso não há de durar por muito tempo; este atleta vai resolver-me o caso; só me resta espicaçar o rapaz para a luta, que é de que vou tratar neste momento.

(Sai.)

Ato I · Cena II

Clareira ante o palácio do duque.

Entram Rosalinda e Célia.

CÉLIA ·

Rosalinda, meiga priminha, por obséquio, fica alegre.

ROSALINDA · Querida Célia, demonstro muito mais alegria do que a que me vai na alma, e desejas que eu me mostre mais alegre ainda? Sem que me ensineis a esquecer-me, de meu pai banido, não podereis fazer-me lembrada de nenhum prazer extraordinário.

CÉLIA · Donde concludo que não me amas com todo o ardor com que eu te amo. Se o meu tio, teu pai banido, houvesse banido teu tio, o duque meu pai, com tal que houvesse ficado comigo, eu ensinaria o coração a considerar teu pai como sendo o meu, que é o que devias fazer, se a verdade do teu amor fosse de têmpera igual à da afeição que eu te consagro.

ROSALINDA · Está bem; vou esquecer-me da minha situação, para regozijar-me com a tua.

CÉLIA · Bem sabes que meu pai não tem mais filhos, além de mim, sendo pouco provável que ainda venha a ter outros. Pois, quando ele falecer, serás a sua herdeira, porque tudo o que ele tomou de teu pai, por violência, eu te restituirei por afeição. Sim, por minha honra, hei de fazê-lo; quero ser um monstro, se quebrar este juramento. Por isso, minha doce Rosa, minha querida Rosa, fica alegre.

ROSALINDA · Ficá-lo-ei daqui por diante, priminha, para só pensar no modo de nos divertirmos.

Vejamos: que tal se brincássemos de amar?

CÉLIA · Ótimo, como distração; mas não ames de veras a nenhum homem, nem leves a brincadeira

além do ponto de poderes retirar-te honradamente, com a segurança de um inocente rubor.

ROSALINDA · Qual há de ser, pois, a nossa diversão?

CÉLIA · Sentemo-nos e trocemos da boa senhora Fortuna, com sua roda, para que os seus dons sejam, de futuro, repartido com eqüidade.

ROSALINDA · Oxalá pudéssemos fazê-lo, porque suas dádivas são muito mal distribuídas, enganando-se a cega dadivosa principalmente no que toca às mulheres.

CÉLIA · É muito certo; as que ela faz bonitas, raramente faz honestas, e as que faz honestas, deixa bem pouco atraentes.

ROSALINDA · Não é assim; passas das funções da Fortuna para as da Natureza; a Fortuna dispõe dos dons deste mundo, não dos desígnios da Natureza.

(Entra Toque.)

CÉLIA · Não? Quando a Natureza faz uma criatura bonita, não pode a Fortuna deixá-la cair no fogo? Embora a Natureza nos dê espírito para zombarmos da Fortuna, não mandou a Fortuna este tonto para cortar-nos o argumento?

ROSALINDA · Realmente, a Fortuna é por demais dura para a Natureza, quando faz que um parvo natural interrompa o espírito da Natureza.

CÉLIA · É possível que isso não seja obra da Fortuna, mas da Natureza, que tendo percebido que nossos espíritos naturais eram demasiado rombos para discorrer acerca de semelhantes deidades, nos terá mandado este alarve para servir de pedra de amolar, porque a rudeza do néscio serviu sempre de pedra para amolar o engenho. Então, Espírito, aonde vais?

TOQUE · Senhora, vosso pai mandou chamar-vos.

CÉLIA · Viestes como mensageiro?

TOQUE · Não; juro por minha honra; recebi a incumbência de chamar-vos.

ROSALINDA · Com quem aprendestes esse juramento, tonto?

TOQUE · Com certo cavalheiro que jurava pela honra que as tortas estavam boas, e pela honra jurava que a mostarda não prestava. Agora, eu afirmo que as tortas de nada valiam e que a mostarda era boa, sem que com isso fique perjuro o cavalheiro.

CÉLIA · Como provarás semelhante coisa com todo o fardo dos teus conhecimentos?

ROSALINDA · Vamos lá; tira a mordação de tua sabedoria.

TOQUE · Adiantai-vos um pouco, pegai no queixo e jurai por vossas barbas que eu sou um maroto.

CÉLIA · Por nossas barbas, se as tivéssemos, é o que tu és.

TOQUE · Por minha maroteira, se a tivesse, é o que eu seria; mas quando jurais pelo que não existe, não perjurais; foi o que se deu com o cavalheiro, ao jurar por sua honra, que é o que ele nunca teve; ou, se a tivesse possuído algum dia, já a teria gasto em juramentos, muito antes de ter visto aquelas tortas e a mostarda.

CÉLIA · Por obséquio, a quem é que te referes?

TOQUE · A alguém amado pelo velho Frederico, vosso pai.

CÉLIA · O amor de meu pai é suficiente para dignificar esse alguém. Basta! Nem mais uma referência neste sentido. Qualquer dia sereis chicoteado por maldizente.

TOQUE · É pena que os tolos não possam, com sabedoria, falar daquilo que os sábios fazem com tão grande tolice.

CÉLIA · Por minha fé, tens razão; porque, desde que se calou o escasso espírito dos tolos, a pequena tolice dos sábios dá grandes mostras de si mesma. Aí vem vindo monsieur Le Beau.

ROSALINDA · Com a boca cheia de novidades.

CÉLIA · Que irá fazer passar para nós como os pombos, quando dão comida a seus borrachos.

ROSALINDA · Então é certo ficarmos empanturradas de novidades.

CÉLIA · Tanto melhor; obteremos, assim, melhor preço no mercado.

(*Entra Le Beau.*)

Bonjour monsieur Le Beau; que novidades há?

LE BEAU · Linda princesa, perdestes um ótimo divertimento.

CÉLIA · Divertimento! De que cor?

LE BEAU · De que cor, senhora! Como responder-vos?

ROSALINDA · Como o quiserem o espírito e a Fortuna.

TOQUE · Ou como os Fados o decretarem.

CÉLIA · Bravo! Foi aplicado com colher de pedreiro.

TOQUE · Se eu não der mostra de meu cheiro de sabedoria...

ROSALINDA · Ficarás rancoroso.

LE BEAU · Confundis-me, senhoras; desejava falar-vos de uma luta divertida, de um espetáculo que perdestes.

ROSALINDA · Contai-vos como foi isso.

LE BEAU · Vou relatar-vos o começo; caso seja do agrado de Vossas Graças, podereis assistir ao fim, o melhor, que ainda está por vir. Os protagonistas vêm justamente para este ponto, a fim de arrematar o caso.

CÉLIA · Ouçamos, então, o começo que já está morto e enterrado.

LE BEAU · Chegou um velho com três filhos...

CÉLIA · Conheço um conto antigo que principia desse jeito.

LE BEAU · Três moços galhardos, de estatura e aspecto excelentes.

ROSALINDA · Com letreiros no pescoço: “Saibam todos pela presente...”

LE BEAU · O mais velho dos três lutou com Carlos, o atleta do duque, que num momento o derrubou e lhe quebrou três costelas, havendo pouca esperança de que se salve; o mesmo fez com o segundo e com o terceiro; ficaram lá, no chão, fazendo o pobre do pai tão grande lamúria em cima deles, que os espectadores, comovidos, se puseram, também, a chorar.

ROSALINDA · Santo Deus!

TOQUE · Mas afinal, senhor, qual foi o divertimento que estas senhoras perderam?

LE BEAU · Esse, justamente, de que acabei de falar.

TOQUE · Não há dia sem que não se aprenda alguma coisa; nunca ouvi falar que ver quebrar costelas fosse divertimento para senhoras.

CÉLIA · Nem eu, tampouco: posso asseverar-te.

ROSALINDA · E ainda há quem suspire por sentir nos próprios flancos, essa ruptura de harmonia? Vamos assistir a essa luta, prima?

LE BEAU · Tereis de vê-la, se ficardes aqui, por ser este o sítio designado para ela, estando já prontos os contendores.

CÉLIA · De fato, ei-los que chegam; fiquemos, pois, para o espetáculo.

(Toque de clarins. Entram o duque Frederico, nobres, Orlando, Carlos e séquito.)

DUQUE FREDERICO · Avançai; uma vez que o rapaz não se deixa convencer, que corra o risco da sua temeridade.

ROSALINDA · É aquele o homem?

LE BEAU · Precisamente, senhora.

CÉLIA · Que pena! É muito moço ainda; todavia, tem aspecto de vencedor.

DUQUE FREDERICO · Oh! a filha e a sobrinha por aqui? Viestes assistir à luta?

ROSALINDA · Sim, meu príncipe; se nos derdes permissão.

DUQUE FREDERICO · Não ireis achá-la divertida, posso asseverá-lo; há muita desigualdade entre os dois. Compadecido da mocidade do reptador, tentei dissuadi-lo do intento, mas ele não se deixa convencer. Falai-lhe, senhoras; vede se conseguis alguma coisa.

CÉLIA · Chamai-o para cá, meu bom monsieur Le Beau.

DUQUE FREDERICO · Sim, chamai-o, que eu me afastarei.

LE BEAU · Senhor reptador, a princesa vos chama.

ORLANDO · Obedeço-lhes com todo o meu respeito.

ROSALINDA · É certo, jovem, que desafiastes o atleta Carlos?

ORLANDO · Não, linda princesa; é ele o reptador geral; apresento-me, do mesmo modo que os outros, somente para experimentar nele o vigor de minha mocidade.

CÉLIA · Jovem cavalheiro, vossa coragem é por demais ousada para os vossos anos; já ficastes conhecendo provas cruéis do vigor desse homem; se vos visseis com os próprios olhos, ou se pudésseis conhecer-vos com a vossa própria razão, o receio da aventura vos aconselharia empreendimento menos desigual. Suplicamo-vos, para vosso próprio bem, que penseis em vossa segurança, não levando adiante semelhante propósito.

ROSALINDA · Atendei-nos, jovem; vossa reputação nada sofrerá com isso; pediremos ao duque que mande suspender a luta.

ORLANDO · Suplico-vos que não me castigueis com vossos pensamentos severos, apesar de confessar-me culpado por ter de recusar alguma coisa a tão eminentes senhoras. Que vossos olhos e amigáveis desejos me acompanhem nesta prova; se eu for vencido, ficará humilhado quem jamais se viu favorecido da fortuna; se me matarem, ficará morto quem desejava morrer. Não causarei dor a nenhum amigo, por carecer de quem possa lamentar-me, nem dano ao mundo, porque nada nele me pertence, salvo um lugar, que poderá ser preenchido por maneira melhor, depois que eu o deixar vazio.

ROSALINDA · Desejara que estivesse convosco o pouco de força que eu tenho.

CÉLIA · E a minha, também, para completar a dela.

ROSALINDA · Passai bem; pedi ao céu que eu me tenha enganado.

CÉLIA · Que vos sejam favoráveis os anseios do vosso coração.

CARLOS · Então, onde está esse moço valente que revela tanto desejo de deitar-se com sua mãe, a terra?

ORLANDO · Aqui, senhor; mas com ambição bem mais modesta.

DUQUE FREDERICO · Não haverá mais de um assalto.

CARLOS · Não, posso assegurar que Vossa Graça não há de insistir com ele para o segundo, depois de vos haverdes empenhado em dissuadi-lo do primeiro.

ORLANDO · Se tencionais zombar de mim depois, não o devéis fazer antes. Vinde logo.

ROSALINDA · Que Hércules te ajude, jovem!

CÉLIA · Quisera ser invisível para agarrar pela perna aquele sujeito forte.

(Lutam.)

ROSALINDA · Oh, valente moço!

CÉLIA · Se eu tivesse raio nos olhos, saberia quem vai cair.

(Gritos; Carlos é derrubado.)

DUQUE FREDERICO · Basta! Basta!

ORLANDO · Não, suplico a Vossa Graça; ainda tenho a respiração muito boa.

DUQUE FREDERICO ·

Como estás passando, Carlos?

LE BEAU · Não pode falar, milorde.

DUQUE FREDERICO ·

Carregai-o. Qual é o teu nome, jovem?

ORLANDO · Orlando, meu príncipe; o filho mais moço de sir Rolando de Boys.

DUQUE FREDERICO ·

Desejara que fosses filho de outrem,
a teu pai tinha o mundo em alta estima,
porém como inimigo sempre o achei.
Muito mais tua proeza me agradara,
se houvesse descendido de outra casa.
Mas passa bem; és um rapaz valente.
Oxalá me falasses de outro pai!

(Saem do duque Frederico, séquito e Le Beau.)

CÉLIA · No lugar de meu pai, prima querida,
faria eu desse modo?

ORLANDO · Muito me honra
ser o filho de sir Rolando;
tal nome não trocara para ver-me
como filho adotivo deste duque.

ROSALINDA · Muito amava meu pai a sir Rolando,
e como ele pensava todo o mundo;
se eu tivesse sabido que este moço
era seu filho, lhe teria dado
lágrimas com meus rogos antes de ele
se ter aventurado a tal perigo.

CÉLIA · Gentil prima,
vamos encorajá-lo e agradecer-lhe,
que o gesto de meu pai, grosseiro e baixo,
me fere o coração. Mereceis loas,
senhor; se nas promessas amorosas
procederdes assim, sempre com sobras,
feliz da vossa amada.

ROSALINDA *(tirando do pescoço uma corrente):*

Cavalheiro,

usai este presente de quem se acha
desprezada da sorte, e que mais dera
se mais à mão tivesse. Vamos, prima?

CÉLIA · Sim, partamos. Adeus, belo mancebo.

ORLANDO ·

Não posso agradecer-vos? O que eu tinha
de melhor, jaz por terra, não passando
de uma simples quintana inanimada
quanto se acha de pé.

ROSALINDA · Torna a chamar-nos;
minha altivez se abate com a fortuna.

Vou ver o que ele quer. Chamais, senhor?
Senhor, fostes um bravo; não vencestes
somente os inimigos.

CÉLIA · Vamos, prima?

ROSALINDA · Já vou, já. Passai bem.

(Saem Rosalinda e Célia.)

ORLANDO · Que paixão sobre a língua me carrega?
Não lhe pude falar, pesar de que ela
me convidasse a fazê-lo. Pobre Orlando,
eis-te ao solo jogado! Ou seja Carlos,
ou alguém mais fraco, alfim vencer-te pôde.

(Volta Le Beau.)

LE BEAU · Bom senhor, como amigo é que vos falo:
fugi deste lugar. Conquanto seja
certo que conquistastes amizades,
elogios e aplausos, ora o duque
revela tal disposição, que a tudo
que fizestes empresta ruim sentido.
O duque é caprichoso; o que ele seja
no fundo, mais a vós compete agora
ajuizar do que a mim manifestar-me.

ORLANDO · Obrigado, senhor; mas, por obséquio:
das duas que a disputa presenciaram,
qual é a filha do duque?

LE BEAU · Se julgarmos
pelo gênio, nenhuma delas o é;
mas, em verdade, a filha é a mais franzina;
a outra é filha do duque desterrado,
que o tio usurpador aqui teve
para servir de companheira à filha,
pois se amam mais que irmãs. Devo dizer-vos,
contudo, que este duque, ultimamente,
tem mostrado aversão para a sobrinha,
sem mais razões além dos elogios
que do povo suas prendas que granjeiam
e do pesar que inspira pela sorte
do pai. Estou a jurar que esse despeito
romperá de repente. Pensai bem,
senhor. Mais para diante, em outro meio,
desejara tratar-vos mais de perto
e obter vossa amizade.

ORLANDO · Agradecido
vos fico por tudo isso; passai bem.

(Sai Le Beau.)

Para fugir do fumo, me asfixio;
se do duque tirano me liberto,
vou dar no irmão tirano... Pouco importa.
Divina Rosalinda!

Ato I · Cena III

Um quarto no palácio.

Entram Célia e Rosalinda.

CÉLIA · Então, prima! Então, Rosalinda! Que cupido se amerceie. Nem uma palavra?

ROSALINDA · Nem uma, sequer, para ser jogada aos cães.

CÉLIA · Não, as tuas palavras são por demais preciosas, para serem atiradas aos cães; atira-me algumas, deixa-me aleijada com as tuas razões.

ROSALINDA · Equivaleria isso a inutilizar duas primas, ficando uma estropiada com as razões da outra, e esta, louca por carecer de razão.

CÉLIA · Mas tudo isso é por causa de vosso pai?

ROSALINDA · Não; alguma coisa é pelo pai de meu filho. Como é cheio de espinhos este mundo trabalhoso!

CÉLIA · Não passam eles de bardana, prima, atirada à tua passagem nos dias santos; se não andarmos por caminhos limpos, até mesmo nossos saiotos apanharão desses espinhos.

ROSALINDA · Da roupa seria fácil arranhá-los; estes, porém, se me cravaram no coração.

CÉLIA · Lança-os fora com um tossido.

ROSALINDA · É o que eu faria, se com a tosse traísse o bem-amado.

CÉLIA · Ora, vamos! Luta com os sentimentos.

ROSALINDA · Eles se puseram da parte de um lutador melhor do que eu.

CÉLIA · Que o céu vos ajude, então. Há de chegar o tempo de vos medirdes com ele, apesar do perigo de uma queda. Mas ponhamos de parte essas brincadeiras e falemos sério: é possível que tão súbito houvésseis ficado apaixonada a tal ponto pelo filho mais moço de sir Rolando?

ROSALINDA · O duque meu pai amava o pai dele de todo o coração.

CÉLIA · Mas daí se infere que, de todo o coração, deveis amar ao filho? Por essa lógica, eu deveria odiá-lo, porque meu pai odiava o seu, também, de todo o coração. Nem por isso, entretanto, eu odeio Orlando.

ROSALINDA · Não, decerto; não o odieis, por amor de mim.

CÉLIA · Por que ter-lhe ódio? Não é merecedor de estima?

ROSALINDA · Deixai-me, então, amá-lo por esse motivo, e amai-o porque assim o faço. Aí vem vindo o duque.

CÉLIA · Com a cólera nos olhos.

(Entram o duque Frederico e nobres.)

DUQUE FREDERICO ·

Jovem, sem perder tempo preparai-vos para deixardes minha corte.

ROSALINDA · Eu, tio?

DUQUE FREDERICO · Sobrinha, sim. Se dentro de dez dias

a vinte milhas fores encontrada, por isso morrerás.

ROSALINDA · Suplico a Vossa

Graça que me revele a minha falta.

Se tenho consciência de mim mesma, se os meus próprios desejos reconheço, se não estou sonhando, nem sou louca — e não o sou — então, meu caro tio, nem mesmo em pensamentos não pensados ofendi Vossa Alteza.

DUQUE FREDERICO · Esses traidores!

Se a justificação só consistisse em palavras, seriam inocentes como a própria virtude. Mas que seja suficiente dizer que não te creio.

ROSALINDA ·

Tais suspeitas não provam que eu sou pérfida; disse-me de que fonte elas derivam.

DUQUE FREDERICO · És filha de teu pai; isso te baste.

ROSALINDA · Já o era ao despojá-lo Vossa Alteza de seu ducado e quando do desterro.

Traição não se herda, meu senhor; mas ainda que a herdássemos de amigos, que me importa? Meu pai não foi traidor. Não vos transvieis, portanto, meu bom príncipe, até o ponto de pensar que é traição minha pobreza.

CÉLIA · Meu caro soberano, ouvi-me, peço-vos.

DUQUE FREDERICO ·

Por vossa causa, Célia, a retivemos;
não fora isso, com o pai se encontraria.

CÉLIA · Então não vos pedi que a retivésseis;
vosso prazer o fez, vossos remorsos;
era eu jovem demais para apreciá-la.

Hoje a conheço, enfim; se ela é traidora,
traidora eu sou também. Juntas dormindo,
vendo-nos juntas sempre, ao despertarmos,
nas diversões e nos estudos juntas,
ainda juntas nas horas de repasto,
onde quer que estivéssemos, quais cisnes

de Juno, um par formávamos constante,

DUQUE FREDERICO ·

Ela é muito sutil para que a entendas.
Sua doçura, a calma, esse silêncio
ao povo falam, e ao povo causam pena.

És tolinha; ela rouba-te o prestígio;
ficarás com mais brilho e mais virtuosa
se ela partir. Por isso, boca quieta!

Decisiva é e fatal minha sentença
a ela cominada: está banida.

CÉLIA · Nesse caso, sentença igual deveis-me;
viver não me é possível longe dela.

DUQUE FREDERICO ·

Sois tonta. Vós, sobrinha, preparai-vos;
se passardes do prazo, por minha honra
e por minha palavra, heis de morrer.

(Saem o duque Frederico e nobres.)

CÉLIA · Aonde irás, minha pobre Rosalinda?

Queres trocar de pai? O meu dar-te-ei.

Mais do que eu, não precisas ficar triste.

ROSALINDA ·

Tenho mais causas.

CÉLIA · Não, prima, não tens.

Faze-me alegre, por favor; não sabes
que por meu pai, também, eu fui banida?

ROSALINDA · Isso não.

CÉLIA · Pois não sabes? Rosalinda
carece, então, do amor que te ensinara

que eu e tu somos uma. Ficaremos
separadas assim, doce menina?

Não; meu pai que procure uma outra herdeira.

Combinemos, por isso, nossa fuga,

para onde ir, e o que importa que levemos.

Não carregues sozinha todo o peso
de tua dor, deixando-me excluída.

Por este céu, que nossa dor faz pálido,
dize quanto ousas, que estarei contigo.

ROSALINDA ·

Bem; mas para onde iremos?

CÉLIA · Para as matas
de Ardenas, à procura de meu tio.

ROSALINDA · Quanto perigo, pois que somos
jovens,

a ambas não nos trará tão longa viagem!

Mais que o ouro a formosura aos ladrões chama.

CÉLIA · Vou vestir-me com roupa pobre e simples,
e besuntar o rosto; faze o mesmo;
desta arte atravessamos os caminhos
sem risco de agressão.

ROSALINDA · Mas não seria
melhor, sendo eu mais alta do que baixa,
que em rigor me vestisse tal como homem?

Um sabre curto à coxa há de enfeitar-me,
um venábulo à destra, e embora o peito
cheio de medo feminino esteja,

feição marcial e ousada estadearemos,
como muitos covardes masculinos
que com mostras apenas tudo enfrentam.

CÉLIA · Como chamar-te, quando fores homem?

ROSALINDA ·

Não quero nome pior do que o do pajem
de Júpiter. Por isso só me chama

Ganimedes. E a ti, que nome dar-te?

CÉLIA · Um nome em relação com o meu estado;
Célia não mais, Aliena.

ROSALINDA · Mas prima, e se roubássemos o bobo
da corte a vosso pai? Não nos seria
de vantagem bem grande na jornada?

CÉLIA · Irá comigo pelo mundo todo;
deixa isso ao meu cuidado. Vamos logo,
reunamos nossas jóias e o dinheiro;
vê qual a hora melhor e o mais seguro
caminho para às buscas escaparmos.

Partamos, pois, com franca alacridade,
não para o exílio, para a liberdade.

(Saem.)

Ato II · Cena I

A floresta de Ardenas.

Entram o duque, Amiens e dois ou três nobres vestidos de monteiros.

DUQUE SÊNIOR ·

Então, meus companheiros de desterro, não tem feito o costume bem mais doce nossa vida que a pompa artificial? Nossos bosques não são bem mais tranqüilos do que a corte invejosa? Aqui sentimos tão-somente o castigo imposto a Adão, a diferença das sazões, a garra do inverno e o resmungar do vento frio, ao qual, quando violento sopra e o corpo me morde, embora eu trema, rio e digo: “Não é falso louvor, são advertências que me persuadem do que eu sou realmente.” Também dá fruto doce a adversidade; é como o sapo feio e venenoso que ostenta rica jóia na cabeça. E, livre da balbúrdia nossa vida, língua encontra nas árvores, e livros nas águas marulhosas, eloqüência nas pedras e bondade em toda parte. Por nada a trocaria.

AMIENS · Vossa Graça é feliz por verter em tão suaves expressões a aspereza da fortuna.

DUQUE SÊNIOR · E agora, não caçamos algum cervo? Dói-me, aliás, que esses tolos salpicados, nativos cidadãos destes desertos, em seus próprios confins tenham os flancos redondos lacerados pelas setas.

PRIMEIRO NOBRE · Sim, milorde; isso faz sofrer o nosso melancólico Jaques, que não cessa de jurar que usurpais neste domínio mais do que vosso irmão que vos banii. Hoje nos esgueiramos, eu e Amiens, para espreitá-lo, quando ele se achava deitado à sombra de um carvalho antigo, cujas fortes raízes aparecem no regato que a mata nos serpeia. A esse ponto foi dar, para morrer,

perdido, um pobre cervo zagunchado. Em verdade, milorde, tais lamentos soltava esse coitado, que no esforço para isso dilatavam-se-lhe as vestes de couro quase ao ponto de romperem. Grossos pingos de lágrimas, em caça lastimosa uns aos outros, lhe desciam pelo pobre focinho. E assim, por nosso melancólico Jaques observado, esse tolo peludo se deixava ficar na borda extrema do regato, aumentando-o com as lágrimas.

DUQUE SÊNIOR · E Jaques que dizia? Sermões, talvez, acerca desse espetáculo?

PRIMEIRO NOBRE · E com muitos símiles. Primeiro, por chorar na correnteza: “Pobre veado”, dizia, “o testamento fazes como os mortais que tudo deixam para quem já tem muito”. Depois, vendo-o abandonado por seus veludosos companheiros: “Está certo, que a miséria os amigos afasta,” quando um bando passa por ele aos saltos, sem saudá-lo: “Sim, correi, cidadãos gordos e pingues; esse é o costume; por que olhar para este miserável falido?” E assim, com suas invectivas, zurzia ele implacável o corpo da cidade, campo, corte, sim, até nossa vida, asseverando que usurpadores somos e tiranos, piores ainda, pois aterroramos os animais e damos-lhes a morte no próprio domicílio em que nasceram.

DUQUE SÊNIOR · Nessas cogitações foi que o deixastes?

SEGUNDO NOBRE · Sim, milorde, chorando e dissertando sobre o veado, em soluços.

DUQUE SÊNIOR · Conduzi-me para esse ponto; apraz-me conversá-lo quando se acha atacado de amargura, que então é inesgotável.

PRIMEIRO NOBRE · Levar-vos-ei já já.

(Saem.)

Ato II · Cena II

Um quarto no palácio.

Entram o duque Frederico e alguns nobres.

DUQUE FREDERICO ·

Ninguém as viu? É coisa que se creia?
É impossível; vilões da corte, certo,
encobrem, como cúmplices, o fato.

PRIMEIRO NOBRE ·

Não ouvi a ninguém que a tenha visto;
as damas e criadas de sua câmara
deitar-se ainda a viram, mas bem cedo
vazio do tesouro o leito acharam.

SEGUNDO NOBRE ·

Milorde, o vil bufão que Vossa Graça
tanto apreciava, está também faltando.

Hespéria, dama de honra da princesa,
confessa ter ouvido às escondidas
vossa filha e sua prima elogiarem
o talento e donaire do mancebo
que venceu, não faz muito, ao forte Carlos,
sendo de parecer que onde quer que elas
estejam, o rapaz há de encontrar-se.

DUQUE FREDERICO ·

Ide à casa do irmão buscar esse homem;
se lá não estiver, o irmão trazei-me,
que hei de ensinar-lhe o modo de encontrá-lo.
E isso depressa, sem vos descuidardes
em nada das pesquisas, para que essas
fugitivas sem juízo afinal voltem.

(Saem.)

Ato II · Cena III

Diante da casa de Olívério.

Orlando e Adão se encontram.

ORLANDO · Quem está aí?

ADÃO · Meu jovem amo! Meu gentil senhor!
Meu doce amo! Oh memória do meu velho
sir Rolando, que coisa aqui vos prende?
Por que sois bom? por que vos ama o povo?
por que gentil, robusto e destemido?
Donde o desejo de vencer o ossudo
lutador desse duque caprichoso?
Precedeu em casa vossa fama.
Não sabeis, meu senhor, que para certas
pessoas as virtudes causam dano?
Isso se dá convosco, meu bom mestre,
que vossas qualidades são traidores
sagrados e benditos. Que mundo este,
onde as prendas do espírito envenenam
seus próprios donos!

ORLANDO ·

Mas, afinal, que é que há?

ADÃO · Oh infeliz moço!

Não passeis dessa porta, que aqui dentro
o inimigo achareis das próprias graças.
Vosso irmão... irmão, não; contudo, o filho...
filho, não; não lhe quero chamar filho

de quem quase eu diria ser seu pai...
ouviu vosso encômios e tenciona
pôr fogo à noite em vossos aposentos,
para neles arderes. Falho o golpe,
de outros meios dispõe para matar-vos.
Surpreendi-o no ponto em que tramava.
Isto já não é casa, é matadouro;
temei-a, aborreci-a, fugi dela.

ORLANDO · Onde queres, Adão, que eu vá abrigar-me?

ADÃO · Pouco importa, uma vez que aqui não seja.

ORLANDO · Queres ver-me a vagar, pedindo esmola?

Ou com vil, turbulenta espada em punho,
correr pelas estradas, qual bandido?
É só o que resta; mais não sei fazer;
mas isso não farei, venha o que vier;
prefiro sujeitar-me à vil malícia
do sangue ruim de um sanguinário irmão.

ADÃO · Não façais isso; tenho economias
de quinhentas coroas, que amealhei
sob vosso pai, pensando no sustento,
quando os membros cansados me falharem
e, por velho, de lado for jogado.
Tomai-as, que o que dá comida aos corvos,
sim, que o pardal provê com farto cibo,
há de a velhice consolar-me. Eis o ouro;

ficai com tudo e consenti que eu seja vosso criado; apesar das aparências, sinto-me forte e lépido, que em minha mocidade não fiz uso no sangue desses licores quentes e rebeldes, nem procurei com fronte envergonhada, quanto nos debilita e deixa fracos. Minha velhice é, pois, um belo inverno, fria, mas benfazeja. Irei convosco, empenhado em servir-vos plenamente; farei quanto um mancebo vos faria.

ORLANDO · Oh bom velho, que bem que em ti se ostente toda a fidelidade de outros tempos, quando suava o dever, jamais a paga! Não és para os costumes destes tempos, em que todos só suam pelo lucro,

que, uma vez conseguido, faz o esforço cessar no mesmo instante. És diferente. Mas podas, meu bom velho, árvore seca que não poderá dar-te flor alguma pela tua canseira e teus cuidados. Vamos, entanto; vaguearemos juntos; antes que finde tudo o que poupaste, encontraremos vida que nos baste.

ADÃO · Em marcha, pois! Até o final suspiro hei de seguir-te fiel e com lealdade. Desde dezessete anos, hora a hora, vivo aqui e oitenta quase tenho agora. Aos dezessete, a sorte muitos tentam; mas aos de oitenta os Fados descontentam. Contudo, por bem pago me proclamo, se morrer sem dever nada a meu amo.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

Floresta de Ardenas.

Entram Rosalinda como Ganimedes, Célia como Aliena, e Toque.

ROSALINDA · Oh Júpiter, como sinto pesados os espíritos!

TOQUE · Pouco se me daria dos espíritos, se as pernas não me pesassem.

ROSALINDA · Tenho ímpetos de desonrar estes trajos masculinos e de chorar como mulher; mas preciso confortar o vaso mais frágil, porque diante da anágua as calças e os gibões devem mostrar-se corajosos. Por isso, ânimo, minha boa Aliena.

CÉLIA · Por compaixão, suporta-me; não posso ir mais longe.

TOQUE · Eu, de mim, preferira suportar-vos a carregar-vos; aliás, se vos carregasse, não levaria nenhuma cruz, pois imagino que não tendes dinheiro na bolsa.

ROSALINDA · Afinal, eis a floresta de Ardenas.

TOQUE · Ora viva! encontro-me em Ardenas; grande tolo, em verdade; quando me achava em casa, estava em lugar melhor; mas os que viajam precisam estar sempre satisfeitos.

ROSALINDA · Isso mesmo, meu bom Toque.

(Entram Corino e Sílvio.)

Vede quem vêm chegando: um moço e um velho, em conversa solene.

CORINO · Assim, só conseguis que ela vos deixe.

SÍLVIO · Se soubesses, Corino, como o adoro!

CORINO · Imagino, que amar já soube um dia.

SÍLVIO · Impossível, Corino, que estás velho, ainda que houveras sido o mais sincero namorado, de quantos suspiraram no travesseiro, à noite. Mas vejamos: se ao meu teu sentimento se parece — ninguém amou como eu, tenho certeza — quantas ações ridículas, revela-me, a fazer obrigou-te a fantasia?

CORINO · Milhares; nem me lembro agora delas.

SÍLVIO · Ora, então nunca amaste de verdade.

Se não te lembram mais até as menores tolices que te fez fazer o amor, é que jamais amaste;

ou, se como eu não fazes, não poupando nos encômios da amada o companheiro, é que jamais amaste;

ou, se abrupto o não deixas, como agora me obriga a proceder minha paixão, é que jamais amaste.

Oh Febe, Febe, Febe!

(Sai.)

ROSALINDA · Pobre pastor, sondando a tua ferida, fui dar na minha, aberta e dolorida.

TOQUE · E eu na minha. Recordo-me de que, quando amava, quebrei a espada de encontro a uma pedra e lhe disse que aceitasse aquilo por ter vindo à noite rondar a casa de Joanhinha Sorrisos. Lembro-me, também, de que beijei a tábua em que ela batia roupa e o úbere da vaca que suas belas mãos esgarçadas tinham ordenhado, como me lembro da declaração que, em vez de dirigir-lhe, fiz a uma vagem de ervilha, da qual tomei dois grãos, para restituí-lhos logo e dizer, desfeito em lágrimas: usa isso como lembrança de minha parte. Nós, os amantes sinceros, damos muitas vezes saltos extravagantes; mas como tudo na natureza é mortal, toda a natureza, quando em ponto de amar, é mortalmente louca.

ROSALINDA · Falas com mais senso do que tu mesmo podes imaginar.

TOQUE · Não me aperceberei do meu próprio engenho, enquanto não quebrar nele a canela.

ROSALINDA · Oh Jove, oh Jove, ampara-me! A paixão deste pastor me fala ao coração.

TOQUE · E ao meu também; mas comigo se torna algo rançoso.

CÉLIA · Por obséquio, perguntem àquele homem se por ouro nos quer vender comida.

Estou morta de fome.

TOQUE · Olá, palhaço!

ROSALINDA · É teu parente, louco?

CORINO · Quem me chama?

TOQUE · Quem vos é superior.

CORINO · Sim, do contrário, infelizes seriam.

ROSALINDA · Bem, silêncio!

Boa tarde, meu amigo.

CORINO · A mesma coisa para vós, meu senhor, para vós todos.

ROSALINDA · Por obséquio, pastor, se o amor ou o ouro pode granjear-vos hospedagem neste ermo, conduze-nos para onde pouso tenhamos e alimento. Esta donzela se acha exausta da viagem, só ansiando por algum refrigério.

CORINO · Belo jovem, lastimo-a e desejava, mais por ela do que por mim, que os meus recursos fossem capazes de aliviá-la; mas não passo de um pastor empregado, que não tosa lâ de nenhuma ovelha de que cuida; o meu amo é de gênio irritadiço, não se lhe dando nada de o caminho do céu por atos de bondade.

Aliás, seus pastos, a cabana, as cabras vão ser vendidas, e ora, em nossa choça, por causa de sua ausência, nada se acha para vosso alimento. Isso vereis; boa acolhida em minha voz tereis.

ROSALINDA · Quem vai comprar-lhe os pastos e o rebanho?

CORINO · Esse jovem pastor, que há pouco vistes, o qual nada se importa com essas coisas.

ROSALINDA · Caso o queiras, se for negócio honesto, compra os pastos tu mesmo, o gado e a casa, que te daremos o com que pagá-los.

CÉLIA · O soldo te aumentamos; neste sítio, de grado eu ficaria para sempre.

CORINO · É certo que tudo isto se acha à venda.

Vinde comigo; caso a renda e a vida do campo, como o sítio, vos agradem, depois de comprar tudo com vosso ouro, ficarei sendo vosso sem desdouro.

(Saem.)

Ato II · Cena V

Floresta.

Entram Amiens, Jaques e outros.

AMIENS ·

Canção:

Sob o loureiro copado
que vem deitar-se ao meu lado
para o canto suave e ledo

unir ao do passaredo?
Venha cá, venha cá, venha cá,
pois não terá
como inimigo
mais que o perigo
da estação má.

JAQUES · Mais, por favor, mais!

AMIENS · Com isso vou deixar-vos melancólico,

monsieur Jaques.

JAQUES · Tanto melhor; por obséquio, mais! Chupo melancolia de uma canção como a doninha faz com ovos. Mais, por obséquio, mais!

AMIENS · Tenho voz; rouca; sei que não vos agrado.

JAQUES · Não estou pedindo que me agradeis; desejo apenas ouvir-vos cantar. Vamos, mais! mais uma estrofe! É assim que lhe chamais, não é verdade?

AMIENS · Como quiserdes, monsieur Jaques.

JAQUES · Pouco me importam os nomes; nada me devem. Cantarei, afinal?

AMIENS · Mais por vossas instâncias do que para meu deleite.

JAQUES · Que seja; se algum dia eu tiver de agradecer a alguém, será a vós; o que por aí se denomina cumprimento é uma espécie de encontro entre dois macacos. Quando alguém me agradece com todas as veras, afigura-se que eu lhe tenha dado esmola e que o agradecimento é por isso. Vamos, cantai; e vós, aí, que não quereis cantar, tento na língua.

AMIENS · Pois bem, vou terminar a canção.

Senhores, ponde a mesa; o duque virá beber sob esta árvore. O dia todo ele vos procurou.

JAQUES · E eu fugi dele o dia todo; como companheiro, discute demais. Tanto quanto ele tenho em que pensar, mas rendo graças ao céu e não me ufano de tal coisa. Vamos, um gorjeio agora.

Canção

(Todos em coro):

Quem a ambição desconhece
e ao sol viver apetece,
buscando o próprio alimento,
alegre a cada momento,
venha cá, venha cá, venha cá,
pois não terá
como inimigo
mais que o perigo
da estação má.

JAQUES · Vou dar-vos, para essa música, um verso que fiz ontem, apesar da minha inventiva.

AMIENS · Hei de cantá-lo.

JAQUES · É deste jeito:

Se alguém quiser algum dia
asno virar com alegria,
deixando a casa e a fortuna
para viver sempre à tuna,
Ducdame, ducdame, ducdame,
aqui achará
seus companheiros,
asnos inteiros;
é só vir cá.

AMIENS · Que quer dizer esse “Ducdame”?

JAQUES · É uma invocação grega para chamar os tolos para dentro do círculo. Vou dormir, se for possível; caso o não consiga, insultarei todos os primogênitos do Egito.

AMIENS · Pois eu vou procurar o duque; o banquete já está pronto.

(Saem por lados diferentes.)

Ato II · Cena VI

A floresta.

Entram Orlando e Adão.

ADÃO · Querido amo, não me é possível ir mais longe; morro de fome! Aqui me deitarei para tomar a medida da minha sepultura. Adeus, querido amo.

ORLANDO · Que é isso, Adão? Acabou-se a coragem? Vive um pouco mais, cria um pouco mais de forças, anima-te um pouquinho. Se houver nesta floresta rústica qualquer animal selvagem, serei pasto para ele, ou hei de trazê-lo para teu alimento. Mais

perto da morte está tua imaginação do que tuas forças. Por amor de mim, cria coragem; mantém a morte à distância de braço; voltarei neste instante; no caso de não trazer algum alimento, dou-te permissão para morreres; se morreres antes de minha volta, burlarás de todo o meu trabalho. Ótimo! Parece que estás animado; num momento estarei de novo contigo. Mas aqui ficas exposto ao vento frio; vou pôr-te num lugar abrigado. Não morrerás de fome, se houver alguma coisa viva neste deserto. Coragem, meu bom Adão!

(Saem.)

Ato II · Cena VII

A floresta.

Uma mesa posta. Entram o duque sênior, Amiens e nobres proscritos.

DUQUE SÊNIOR · Parece que virou bicho de matto, pois, como homem, nenhures posso achá-lo.

PRIMEIRO NOBRE · Saiu daqui, milorde, não faz muito; estava alegre, ouvindo uma canção.

DUQUE SÊNIOR ·

Se, sendo dissonância, virou músico, dentro de pouco, nas esferas vamos ter só discórdias. Ide procurá-lo; dissei-lhe que falar-lhe é meu desejo.

(Entra Jaques.)

PRIMEIRO NOBRE ·

Com sua vinda me poupa do trabalho.

DUQUE SÊNIOR · Então, monsieur! Como viveis que os vossos

amigos necessitam suplicar-vos para que os não deixeis? Como! Contentes?

JAQUES · Um bobo! Um bobo! Achei na selva um bobo!

Um bobo variegado. Oh mundo estúpido!

Tão certo como eu ser mortal, um bobo que se aquecia ao sol, refestelado,

insultando a Fortuna com eloquência e frases apropriadas. Sim, um bobo

variegado! “Bom dia, bobo”, disse-lhe.

“Não me chameis de bobo”, respondeu-me, “sem que o céu me sorrisse com a fortuna.”

Assim falando, saca do relógio,

que contempla com olhos apagados, e sentencioso diz: “Já são dez horas;

por aqui podeis ver como anda o mundo: não passava das nove, há uma hora apenas; decorrida mais uma, onze há de ser.

Desta arte, de hora em hora apodrecemos: nisto se encerra um conto”. Ao ver um bobo

dissertar sobre o tempo com tal ênfase, meus pulmões, como galo, começaram

a cantar, pelo fato de encerrar-se

tanta profundidade assim nos bobos.

Ri sem parar, ri muito, uma hora inteira, junto do seu relógio. Oh nobre bobo!

Oh bobo digno! O traje próprio é tudo.

DUQUE SÊNIOR · Que bobo é esse?

JAQUES · Digno bobo! Viveu na corte e diz:

“Se a mulher é somente bela e jovem, ela é que tem o dom de saber disso.”

No cérebro excitado como os restos de biscoitos depois de longa viagem, tem ele cantos esquisitos, cheios de observações, às quais imprime sempre deturpada feição. Ah! quem me dera também ser bobo! Agora só ambiciono um traje variegado.

DUQUE SÊNIOR · Hás de alcançá-lo.

JAQUES · É a roupa que me assenta; mas importa que limpeis vosso juízo dessa idéia

que como erva daninha ali viceja:

que eu sou sábio. Depois, quero mais ampla liberdade, tão larga como o vento,

para soprar onde me for do agrado,

tal como os bobos fazem; as pessoas

a que mais ofender minha loucura

devem rir mais que todas. E por que isso,

meu senhor? O porquê é tão batido como caminho que vai ter à igreja.

Quem quer que o bobo ataque sabiamente,

muito embora se doa, é um grande tolo,

se mostrar que lhe dói a chibatada,

pois fora revelar assim loucura

às miradas casuais de um simples bobo.

Dai-me, pois, a jaqueta e liberdade

de dizer o que penso, que eu me incumbo

de limpar de uma vez o mundo infecto,

se o remédio, pacientes, aceitarem.

DUQUE SÊNIOR · Sai daqui! Eu sei bem o que farias.

JAQUES · Que poderia ser, senão só bem?

DUQUE SÊNIOR ·

Querendo corrigir, as piores coisas;

pois sempre foste um grande libertino,

tão sensual como o próprio instinto bruto.

Todas as doenças apontadas, todas

as chagas tumefeitas, que apanhaste

em tua vida errabunda, vomitadas

no mundo universal por ti seriam.

JAQUES · Ora, quem zurze o orgulho
 ataca porventura a alguém de perto?
 Não sobe ele em marés como as do oceano,
 até que de cansado alfim reflua?
 A que mulher da corte eu me refiro,
 ao dizer que nos ombros infamados
 carrega a cortesã o ouro de um reino?
 Nenhuma se dará como acusada
 pois que em tudo lhe é igual sua vizinha.
 E que homem do mais baixo emprego pode
 dizer que não se veste à minha custa,
 julgando-se visado, sem que a própria
 tolice ao meu discurso se acomode?
 Então? E agora? Demonstrei-me como
 meu discurso o magoou. Se falei certo,
 a si próprio ofendeu-se; se é inocente,
 como pato silvestre minha crítica
 há de voar, sem ninguém dar-lhe atenção.
 Mas que é isso? Quem é que vem chegando?
 (*Entra Orlando com a espada desembainhada.*)

ORLANDO ·

Alto! Ninguém mais coma!

JAQUES · Ora essa! Eu ainda
 não comi nada.

ORLANDO · É não o fareis, enquanto
 não for, enfim, sanada a minha fome.

JAQUES · Mas que espécie de galo é esse sujeito?

DUQUE DE SÊNIOR ·

Que é, homem, que te impele a fazer isso?
 É a miséria ou o desdém dos bons costumes
 que assim te leva a praticar tamanha
 falta de educação?

ORLANDO · O pulso, logo
 de início, me tocaste; é o acerbo acúleo
 da miséria, tão-só, que ora me obriga
 a ser grosseiro. Fui criado em terra
 culta e estranha não me é a civilidade.
 Alto! repito; matarei aquele
 que tocar num só fruto, antes de ver-me
 satisfeito e o negócio que me trouxe.

JAQUES · Morrerei, se a razão não vos convence.

DUQUE SÊNIOR · Que desejais? A vossa gentileza,
 mais que a força, à brandura há de forçar-nos.

ORLANDO · Morro de fome; dai-me qualquer coisa.

DUQUE SÊNIOR ·

Sentai-vos e comei, que sois bem-vindo.

ORLANDO · Falais tão gentilmente? Desculpai-me.
 Pensei que tudo aqui selvagem fosse,

o que me fez tomar esta aparência.
 Mas quem quer que sejais, que aqui viveis
 à sombra destes ramos melancólicos,
 neste deserto sítio inacessível,
 deixando escoar as horas indolentes:
 se conhecestes já melhores dias,
 se em lugares vivestes onde o toque
 dos sinos vos chamasse para a igreja,
 se à mesa de homem sério já sentastes,
 se já vos inundou o pranto os olhos
 e sabeis o que seja ser piedoso
 ou despertar piedade, consenti
 que ora a brandura seja a minha força.
 Esperando, enrubesço e guardo a espada.

DUQUE SÊNIOR · Melhores dias, certo, nós já vimos,
 e chamados já fomos para a igreja
 pelos sinos sagrados, e em banquetes
 de homem sério estivemos já, e dos olhos
 já enxugamos as lágrimas que a santa
 compaixão faz nascer. Em paz sentai-vos,
 pois, e, muito à vontade, tomai quanto
 vossa necessidade ora reclama.

ORLANDO · Abstende-vos, então, por uns instantes,
 enquanto eu, como cerva, o enho procuro
 para dar-lhe alimento; é um pobre velho
 que por pura afeição arrasta os passos
 fatigados trás mim. Até que coma —
 por dois males apresso: a idade e a fome —
 em nada tocarei.

DUQUE SÊNIOR · Ide buscá-lo;
 que em vossa ausência em nada tocaremos.

ORLANDO · Obrigado. Que o céu vos recompense.

(*Sai.*)

DUQUE SÊNIOR · Infelizes não somos nós somente,
 bem o vedes. O vasto e universal
 teatro nos apresenta mais doridos
 painéis do que esta cena em que brincamos.

JAQUES · O mundo é um palco; os homens e as mulheres,
 meros artistas, que entram nele e saem.
 Muitos papéis cada um tem no seu tempo:
 sete atos, sete idades. Na primeira,
 no braço da ama grita e baba o infante.
 O escolar lamuriento, após, com a mala,
 de rosto matinal, como serpente
 se arrasta para a escola, a contragosto.
 O amante vem depois, fornalha acesa,
 celebrando em balada dolorida
 as sobranceiras da mulher amada.

A seguir, estadeia-se o soldado,
cheio de juras feitas sem propósito,
com barba de leopardo, mui zeloso
nos pontos de honra, a questionar sem causa,
que a falaz glória busca
até mesmo na boca dos canhões.
Segue-se o juiz, com o ventre bem forrado
de cevados capões, olhar severo,
barba cuidada, impando de sentenças
e de casos da prática; desta arte
seu papel representa. A sexta idade
em mangas pantalonas, tremelica,
óculos no nariz, bolsa de lado,
calças da mocidade bem poupadas,
mundo amplo em demasia para pernas
tão mirradas; a voz viril e forte,
que ao falsete infantil voltou de novo,
chia e sopra ao cantar. A última cena,
remate desta história aventureira,
é mero olvido, uma segunda infância,
falha de vista, dentes, gosto e tudo.

(Volta Orlando com Adão.)

DUQUE SÊNIOR · Sede bem-vindos; ponde o vosso fardo
venerável no chão, para que coma.

ORLANDO · Agradeço por ele.

ADÃO · É necessário,
que mal posso falar para fazê-lo.

DUQUE SÊNIOR · Bom apetite agora; molestar-vos
não hei de com perguntas importunas.
Música! E vós, bom primo, uma canção.

AMIENS ·

Canção

Sopra, sopra, vento frio,
pois não causas calafrio
como a humana ingratidão;
teu dente é menos malquisto,
talvez por não seres visto
nas veras do coração
Cantemos as frondes, a várzea florida;
o amor é loucura, a amizade, fingida.
A várzea florida!
Nada há como a vida!
Gela, gela, céu maldoso,
que ainda assim és mais formoso
do que o favor esquecido;
embora endureças a água,
não nos causas tanta mágoa
como o amigo que é fingido.
Cantemos as frondes etc.

DUQUE SÊNIOR · Se do bom sir Rolando sois nascido,
como me sussurraste com lealdade,
e como os olhos me convencem, vendo
sua efigie gravada em vossos traços,
sede bem-vindo. Eu sou realmente o duque
que amava vosso pai. Vamos à gruta,
para o resto da história me contardes.
Como teu amo, meu bom velho, salve!
Amparai-o. Ora dai-me vossa mão
e o relato fazei sem omissão.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Um quarto no palácio.

Entram o duque Frederico, nobres e Olivério.

DUQUE FREDERICO ·

Não o viu depois? Senhor, não posso crê-lo.
Se em mim não constituísse a melhor parte
justamente a bondade, não buscara
muito longe argumento de vingança,
tendo-te aqui tão perto. Mas, cuidado!
Traz-me teu irmão de onde quer que ele
se ache escondido; com uma vela o busca,
ou não mais apareças, para a vida
procurares no nosso território.

Tudo o que chamas teu, terras e o mais
que valha a pena, sob a mão me fica,
até que teu irmão venha limpar-te
de minha desconfiança.

OLIVÉRIO · Pudesse Vossa Alteza ler-me na alma!
Nunca amei meu irmão em toda a vida.

DUQUE FREDERICO ·

Maior vileza a tua. Ponde-o fora
desta sala e que embarguem suas terras
e a casa os oficiais disso incumbidos.
Não percais tempo e ponde-o logo fora!

(Saem.)

Ato III · Cena II

A floresta.

Entra Orlando com um papel.

ORLANDO ·

Verso, aí fica, em louvor da minha amada.
Tu, Rainha da noite, do alto espia,
com o casto olhar, da pálida morada,
o nome de tua ninfa, que me guia.
Oh Rosalinda! Tornem-se estes troncos
os livros onde eu gravo o pensamento;
que possam todos, do mais sábio aos broncos,
teu louvor singular ler num momento.
Corre, Orlando, nas árvores revela
a bela, a casta, a inexpressível: Ela!

(Sai. Entram Corino e Toque.)

CORINO · E como vos parece esta vida de pastor,
mestre Toque?

TOQUE · Francamente, pastor, considerada em si
mesma, é uma boa vida; mas, considerando-se que
é vida pastoril, não vale nada. Considerando-a
como vida solitária, agrada-me imensamente; mas,
considerando que é vida retirada, é miserável. Ora
bem, considerando que é vida de campo, diz bem
comigo; mas, considerando que não é de corte,
torna-se-me tediosa. Como vida frugal, vedes
logo, dá-se bem com o meu gênio; mas, pelo fato
de carecer de abundância, não vai lá com o meu
estômago. Professas alguma filosofia, pastor?

CORINO · O bastante para saber que quanto mais a
gente adoce, menos à vontade se sente; e que quem
não possui dinheiro, meios e satisfações, carece de
três bons amigos; que a condição da chuva é molhar
e a do fogo queimar; que pasto bom engorda ovelha
e que a grande causa da noite é a ausência do sol;
que quem não tem engenho nem por natureza
nem por arte, pode queixar-se da educação nem de
ascendentes estúpidos.

TOQUE · Uma pessoa assim é filósofo natural. Já
estiveste alguma vez na corte, pastor?

CORINO · Nunca.

TOQUE · Então estás condenado ao fogo eterno.

CORINO · Espero que não.

TOQUE · Certo! Estás condenado ao fogo, como ovo
mal assado, de um lado só.

CORINO · Por nunca ter estado na corte? Vossas razões.
TOQUE · Ora, se nunca estiveste na corte, nunca viste
boas maneiras; se nunca viste boas maneiras, tuas
maneiras terão de ser ruins, e ruindade é pecado,
e pecado conduz ao inferno. Tua situação é muito
melindrosa, pastor.

CORINO · De forma alguma, Toque; o que é boa
maneira na corte é ridículo no campo, do mesmo
modo que os costumes do campo são risíveis na
corte. Dissestes-me que na corte a saudação não
consiste em mesura, mas em beijar a mão, cortesia
pouco aseada se os cortesãos fossem pastores.

TOQUE · A prova, depressa! Vamos, a prova!

CORINO · Ora, a toda hora estamos cuidando de
nossas ovelhas, cujo pêlo, como sabeis, é engordurado.

TOQUE · Ora, não transpira a mão do cortesão? E
não é a gordura do carneiro tão saudável quanto o
suor do homem? Muito fraca, muito fraca! Uma
prova melhor, vamos!

CORINO · Além do mais, temos as mãos ásperas.

TOQUE · Mais depressa a sentirão vossos lábios.

Fraca, ainda, uma prova mais sólida, vamos!

CORINO · E muitas vezes ficam alcatroadas, quando
operamos as ovelhas. Queréis que beijássemos
alcatrão? As mãos dos cortesãos cheiram a almíscar.

TOQUE · Mas que simplório! Verdadeira comida de
vermes, em confronto com uma boa posta de carne!

Aprende com os sábios e considera: o almíscar,
excremento pouco limpo de um gato, é de mais baixa
estirpe do que o alcatrão. Melhora o argumento, pastor.

CORINO · Tendes o espírito por demais cortesão
para mim: por isso, fico por aqui mesmo.

TOQUE · Queres ficar no inferno? Que Deus te
ampare, homem simples. Que Deus te abra o
entendimento. Ainda estás muito cru.

CORINO · Senhor, eu sou um trabalhador honrado,
ganho o que como e o que visto, não tenho ódio a
ninguém, não invejo a felicidade de ninguém, alegro-
me com o bem dos outros, resigno-me com o que me
acontece de ruim, constituindo o meu maior orgulho
ver as minhas ovelhas pastando e os cordeirinhos a
mamar.

TOQUE · Eis outro pecado que trai a vossa
simplicidade, juntar carneiros e ovelhas e não se correr

de ganhar a vida por meio de cópula do gado, servir de alcoviteiro para a madrinha do rebanho e entregar uma ovelha de doze meses a um carneiro cornudo, velho e de pernas curvas, contra todas as regras da união dos sexos. Se não fores para o inferno por causa disso, é que o diabo não faz conta de pastores; a não ser isso, não vejo meio de escapares.

CORINO · Aí vem vindo o jovem amo Ganimedes, o irmão da minha nova ama.

(Entra Rosalinda, lendo um papel.)

ROSALINDA ·

Do mundo a jóia mais linda
é sem favor Rosalinda.

De nada o mundo prescindia
para cantar Rosalinda.

O poeta aos altos se guinda
no louvor de Rosalinda.

Do belo a idéia não finda
nos olhos de Rosalinda.

TOQUE · Desse jeito eu rimaria oito anos a fio,
excluídas as horas de comer e de dormir; é tal qual
andura de vendedora de manteiga, quando vai para o
mercado.

ROSALINDA · Vai saindo, tolo!

TOQUE · Vamos à prova:

Pariu a gatinha linda;

que beleza é Rosalinda!

Quem de berrar nunca finda?

o cabrito e Rosalinda.

Com algo a ovelha nos brinda?

o mesmo faz Rosalinda.

De luvas nunca prescindia

quem for pegar Rosalinda.

Fora, negra de Cabinda!

tu pareces Rosalinda.

Eis aí o mais legítimo galope em falso dos versos.

Por que vos contaminais com eles?

ROSALINDA · Quito, bobo néscio! Encontrei-os em
uma árvore.

TOQUE · Ruim fruto, em verdade, dá essa árvore.

ROSALINDA · Vou enxertar-te neles e depois numa
nеспeiraira, para termos os mais precoces frutos da
região, pois apodrecereis antes de amadurecer, tal
como acontece com as nêsperas.

TOQUE · Vós o dissestes; mas se com discrição ou
sem ela, que a floresta o julgue.

(Entra Célia, lendo um escrito.)

ROSALINDA · Silêncio! Aí vem vindo minha irmã, a ler.
Fiquemos à parte.

CÉLIA (lê):

Há de esta mata calar

por falta de gente? Não;

que aos troncos língua hei de dar,
a fala do coração.

Uns dirão como é cansada

a vida do homem mesquinho,

pois é toda sua jornada

sete palmos de caminho.

Outros, dos votos violados

de amigos em desavença.

Mas dos ramos mais doirados,

no fim de cada sentença

hei de escrever Rosalinda,

para a todos convencer

de que a flor mais fresca e linda

o céu nela fez nascer,

à natureza incumbindo

de reunir em pouco espaço

quanta graça ao mundo há vindo,

abrangendo num só laço

Helena sem a desonra,

de Cleópatra o porte airoso,

da triste Lucrecia a honra,

de Atalanta o mais precioso.

Rosalinda assim foi feita

por decreto celestial,

na alma e no corpo perfeita,

em tudo um ser divinal.

Quis o céu que desta arte o mundo a visse

para que, vivo e morto, eu a servisse.

ROSALINDA · Oh gentilíssimo pregador! Com que
homilia de amor cansastes vossos paroquianos, sem
dizerdes uma só vez: paciência, minha boa gente!

CÉLIA · Como! pelas costas, amigos? Pastor, afasta-
te um pouco; acompanha-o, bobo.

TOQUE · Vem, pastor; façamos uma retirada honrosa,
se não com armas e bagagens, ao menos de mala e
cuia.

(Saem Corino e Toque.)

CÉLIA · Ouviste estes versos?

ROSALINDA · Sim, esses e muitos outros; muitos
deles contêm pés além da capacidade de versos.

CÉLIA · Não importa, que os pés suportam os
versos.

ROSALINDA · É fato, mas os pés coxeavam, não podendo sustentar-se fora do verso, razão por que dentro dele manquejavam.

CÉLIA · Mas ouviste, sem te admirar, como o teu nome pende das árvores e se encontra gravado nos seus troncos?

ROSALINDA · Dos nove dias de espanto, passei sete em maravilhar-me, antes de haverdes chegado. Vede o que encontrei em uma palmeira; nunca me vi tão perseguida de rimas, desde o tempo de Pitágoras, em que eu era rato irlandês, do que mal me recordo.

CÉLIA · Sabes quem faz tudo isso?

ROSALINDA · É um homem?

CÉLIA · Com uma corrente, que já usaste, em torno do pescoço. Mudas de cor?

ROSALINDA · Por obséquio, quem é ele?

CÉLIA · Oh, Senhor, Senhor! Que coisa difícil é encontrarem-se os amigos! No entanto, as próprias montanhas se movem e se encontram por ocasião dos terremotos.

ROSALINDA · Mas, afinal, quem é ele?

CÉLIA · Será possível?

ROSALINDA · Peço-te agora com a mais encarecida veemência que me digas quem é ele.

CÉLIA · Oh! maravilhoso, maravilhoso e muito maravilhosamente maravilhoso! É mais uma vez maravilhoso, acima de toda exclamação!

ROSALINDA · Santa Paciência! Pensas, então, que por eu estar vestida de homem, uso por dentro calças e gibão? Uma polegada de demora é o Mar-do-sul em viagem de descobrimento. Peço-te que me digas quem é ele; fala depressa e prontamente. Quisera que gaguejasses, para que te saísse da boca esse homem oculto, como sai o vinho da garrafa de gargalo estreito, ou muito de uma vez, ou nada de todo. Por obséquio, tira a rolha da boca, para que eu possa beber as tuas novidades.

CÉLIA · Desse jeito porias um homem na barriga.

ROSALINDA · É criatura de Deus? Que espécie de homem? É digna do chapéu a cabeça e da barba o queixo?

CÉLIA · Quanto à barba, ainda a tem bem pouca.

ROSALINDA · Bem; Deus lhe mandará mais, se ele for agradecido. Tenho de esperar que lhe cresça a barba, se demorares em dar-me a conhecer-lhe o queixo.

CÉLIA · É o jovem Orlando, que derrubou na mesma hora o atleta e teu coração.

ROSALINDA · Que o demo leve a brincadeira; fala com fronte séria e como rapariga veraz.

CÉLIA · É certo, priminha; é ele mesmo.

ROSALINDA · Orlando?

CÉLIA · Orlando.

ROSALINDA · Santo Deus! Que hei de fazer das calças e do gibão? Que fazia ele, quando o viste? Que disse? Como te pareceu? Como se vestia? Que faz aqui? Perguntou por mim? Onde está parado? Como se despediu de ti? Quando tornas a vê-lo? Responde-me numa palavra.

CÉLIA · Para tanto é de necessidade que me emprestes a boca de Gargântua; seria uma palavra demasiado grande para qualquer boca de hoje. Dizer sim ou não a todos esses itens é mais do que resposta de catecismo.

ROSALINDA · Mas sabe ele, acaso, que eu me encontro nesta floresta e que estou vestida de homem? Apresenta fisionomia tão louçã como no dia da luta?

CÉLIA · É tão fácil contar átomos como responder a perguntas de namorados. Por enquanto, contenta-te com uma amostra do meu descobrimento e trata de saboreá-la com todo o vagar. Encontrei-o embaixo de uma árvore, como uma bolota caída.

ROSALINDA · Deveria chamar-se árvore de Júpiter a que deixa cair semelhantes frutos.

CÉLIA · Prestai-me atenção, excelentíssima senhora.

ROSALINDA · Continuai.

CÉLIA · Encontrava-se ali, de comprido, como o cavaleiro vulnerado.

ROSALINDA · Por doloroso que fosse o espetáculo, condizia com a paisagem.

CÉLIA · Grita “Olá!” para a tua língua, por favor, que ela corcoveia fora de tempo. Estava vestido de caçador.

ROSALINDA · Mau agouro! Vem matar-me o coração.

CÉLIA · Desejo cantar sem acompanhamento; fazes-me desafinar.

ROSALINDA · Não sabes que sou mulher? Quando penso, tenho de falar. Continua, querida.

CÉLIA · Fizeste-me perder o fio. Devagar! Mas não é ele que vem chegando?

(Entram Orlando e Jaques.)

ROSALINDA · É ele mesmo; escondamo-nos e observemo-lo.

JAQUES · Agradeço-vos a companhia; mas, com toda a franqueza, preferia estar só.

ORLANDO · O mesmo se dá comigo; contudo, por simples dever social, agradeço-vos, também, a companhia.

JAQUES · Deus vos guarde; encontremo-nos o menos possível.

ORLANDO · Desejo que nos tornemos mais estranhos.

JAQUES · Por obséquio, não estragueis mais árvores escrevendo nos troncos canções de amor.

ORLANDO · Peço-vos, também, que não estropieis mais os meus versos, lendo-os com tanto mau humor.

JAQUES · Rosalinda é o nome de vossa amada?

ORLANDO · Justamente.

JAQUES · Esse nome não me agrada.

ORLANDO · Quando a batizaram, ninguém pensou em ser-vos agradável.

JAQUES · De que altura é ela?

ORLANDO · Da altura do meu coração.

JAQUES · Tendes respostas espirituosas; não travastes conhecimento com a mulher de algum ourives, para saberdes essas sentenças de anel?

ORLANDO · Não é bem isso; respondo-vos no jeito dos painéis de onde tirais vossas perguntas.

JAQUES · Possuís engenho vivo; parece-me tirado dos calcanhares de Atalanta. Não vos apraz sentar ao meu lado? Criticaremos juntos o nosso amo, o mundo, com todas as nossas misérias.

ORLANDO · Não censurarei nenhum ser vivo, a não ser eu próprio, em que reconheço muitos defeitos.

JAQUES · É vosso pior defeito estardes apaixonado.

ORLANDO · Defeito esse que eu não trocaria por vossa maior virtude. Vossa presença já me enfara.

JAQUES · Posso afiançar-vos que andava à procura de um bobo, quando vos encontrei.

ORLANDO · Esse já se afogou no ribeirão; procurai-o lá, que haveis de vê-lo.

JAQUES · Lá, só veria a minha figura.

ORLANDO · Que não passa de um bobo ou de um simples zero.

JAQUES · Não quero perder mais tempo convosco; passai bem, signior Amoroso.

ORLANDO · Alegro-me com vossa despedida; adeus, monsieur Melancolia.

(*Sai Jaques.*)

ROSALINDA (*à parte, para Célia*) · Vou falar-lhe como lacao petulante e, desse jeito, brincar de maroto com ele. Olá, caçador, estás ouvindo?

ORLANDO · Perfeitamente. Que desejais?

ROSALINDA · Por obséquio, que horas são?

ORLANDO · Deveríeis perguntar-me pela fase do dia, porque na floresta não há relógios.

ROSALINDA · Nesse caso, na floresta não há também amantes sinceros, porque os seus suspiros de cada instante e os gemidos de cada hora deteriam o tardo pé do Tempo tão bem quanto os relógios.

ORLANDO · E por que não o veloz pé do Tempo? Não será mais adequado?

ROSALINDA · De forma alguma, senhor; o Tempo caminha passo diferente de acordo com as pessoas. Vou dizer-vos com quem ele vai a passo de andadura, com quem trota, com quem galopa e com quem fica parado.

ORLANDO · Ótimo! Dizei-me, então, com quem anda ele a passo de trote.

ROSALINDA · Ora, ele trota duro com a donzela entre o contrato de casamento e o dia da solenidade; ainda que o intervalo só seja de sete noites, a marcha do Tempo é tão incômoda que parece durar sete anos.

ORLANDO · Com quem caminha ele a passo de andadura?

ROSALINDA · Com o padre que não sabe latim e o ricaço que não sofre de gota; um, por dormir sono fácil, uma vez que sabe estudar; o outro, por viver alegre, visto não sentir dor alguma; aquele, por carecer do fardo da erudição cansativa e prejudicial; este, por desconhecer o fardo da miséria pesada e tediosa. É com esses que o Tempo caminha a passo de andadura.

ORLANDO · E com quem ele galopa?

ROSALINDA · Com o ladrão conduzido para a forca; porque ainda mesmo que ande passo a passo, sempre julga que chega cedo demais.

ORLANDO · Com quem fica ele imóvel?

ROSALINDA · Com os advogados no período das férias, porque dormem entre uma e outra época de sessão, sem perceberem que o tempo se move.

ORLANDO · Onde morais, belo mancebo?

ROSALINDA · Moro em companhia desta pastora, minha irmã, no limite da floresta, como barra de saia.

ORLANDO · Sois natural deste lugar?

ROSALINDA · Como estes coelhos, que costumam morar onde quer que tenham nascido.

ORLANDO · Tendes pronúncia um tanto mais elegante do que a que poderíeis adquirir em sítio tão apartado.

ROSALINDA · Muitas pessoas já me disseram isso mesmo; mas, de fato, aprendi a falar com um tio velho, sujeito muito religioso, que quando moço viera na corte e que de tal modo se familiarizou com a vida do meio, que acabou apaixonando-se. Ouvi-o muitas vezes discorrer contra o amor, e dou graças a Deus por não haver nascido mulher, para não ficar com as manchas de todas as leviandades que ele atribuía ao sexo, sem exceção.

ORLANDO · Poderíeis citar os principais defeitos de que ele fazia carga contra as mulheres?

ROSALINDA · Não havia defeito principal; todos se assemelhavam entre si como moeda de meio pên, parecendo verdadeiro monstro cada falta de per si, até que sua vizinha viesse completar o par.

ORLANDO · Citai-me algumas, por obséquio.

ROSALINDA · Não, não desperdiçarei o remédio a não ser com doentes. Há um indivíduo na floresta que maltrata as árvores tenras escrevendo nos troncos o nome de Rosalinda, pendura odes nos espinheiros e elegias nos sarçais, todas, naturalmente, deificando apenas esse nome. Se eu pudesse encontrar semelhante visionário, dar-lhe-ia bons conselhos, pois parece-me atacado da febre quotidiana do amor.

ORLANDO · Pois sou eu o tal que sofre desses acessos de amor; por obséquio, ensinai-me o vosso remédio.

ROSALINDA · Não encontro em vosso conspecto nenhum dos sinais apontados por meu tio, com quem aprendi a identificar os homens que sofrem de amor. Tenho certeza de que o Amor não vos prendeu em sua gaiola de junco.

ORLANDO · E que sinais eram esses?

ROSALINDA · Bochechas encovadas, o que não tendes; olhos embaçados e com olheiras, o que não tendes; gênio insociável, o que não tendes; barba descuidada, o que não tendes e do que vos desculpo, porque, de fato, o que possuíis de barba é renda de irmão segundo. Ademais, vossas calças deveriam estar sem ligas, o gorro sem fita, as mangas sem

botões, os sapatos desamarrados, sinal evidente de negligência desesperadora. Não sois assim; pelo contrário, mostrai-vos pichoso no trajar, o que revela que tendes mais amor a vós próprio do que a outras pessoas.

ORLANDO · Formoso mancebo, desejara convencer-vos de que estou, realmente, apaixonado.

ROSALINDA · Convencer-me? Isso equivaleria a convencer aquela a que mais ama, podendo eu asseverar-vos que ela se encontra mais disposta a isso do que a confessá-lo. Esse é um dos pontos a respeito do qual as mulheres mentem sempre à consciência. Mas, com franqueza, sois vós mesmo que pendurais pelas árvores os versos em que Rosalinda é tão decantada?

ORLANDO · Juro-te, mancebo, pelas belas mãos de Rosalinda, que eu sou mesmo esse tal, esse infeliz.

ROSALINDA · E estais mesmo tão apaixonado quanto o dizem vossas rimas?

ORLANDO · Nem rimas nem razão poderão dizer até que ponto.

ROSALINDA · O amor não é mais do que uma loucura, podendo eu asseverar-vos que merece quarto escuro e chibatadas, da mesma forma que os dementes; e a razão de não ser ele punido e curado, se encontra no fato de se haver a loucura tornado tão comum, que os encarregados do castigo se acham também apaixonados. Todavia, posso curar-vos por meio de conselhos.

ORLANDO · Já conseguistes curar alguém por esse meio?

ROSALINDA · Sim, já curei um, e da seguinte maneira: tinha de imaginar-me com o seu amor, a sua amada, dando-lhe eu a incumbência de fazer-me diariamente a corte, quando então, como moço lunático, eu me mostrava molestado, efeminado, inconstante, caprichoso; fantástico, vaidoso, ridículo, superficial, variável; ora somente lágrimas, ora todo sorrisos; possuía algo de cada paixão, mas não era sincero em nenhuma, que as crianças e as mulheres são gado dessa marca; ora me agradava dele, ora o achava insuportável; agora o acolhia, agora o repelia; às vezes chorava por sua causa, às vezes cuspi-lhe no rosto, de forma que fiz o meu pretendente passar do humor louco do amor para o humor vivo da loucura, que consistiu em abandonar a torrente

do mundo para, em um rincão apartado, viver vida monástica. Foi assim que o curei, e é assim que pretendo fazer para deixar-vos o fígado tão limpo como o coração de uma ovelha sadia, sem uma só mancha de amor.

ORLANDO · Jovem, renuncio à cura.

ROSALINDA · Eu vos curaria apenas com me chamardes de Rosalinda e virdes diariamente à minha choça, para me cortejardes.

ORLANDO · Está bem; pela pureza do meu amor, consinto nisso; dizei-me onde fica situada a choça.

ROSALINDA · Vinde comigo, que eu vo-la mostrarei; de caminho me direis em que parte viveis da floresta. Não quereis vir?

ORLANDO · De todo o coração, excelente jovem.

ROSALINDA · Assim, não; é necessário que me chameis de Rosalinda. Vamos, mana; não quereis vir?
(*Saem.*)

Ato III · Cena III

A floresta.

Entram Toque e Audrey; Jaques atrás deles.

TOQUE · Vem depressa, minha boa Audrey; vou recolher as tuas cabras, Audrey. Então, Audrey, ainda sou o teu homem? Agradam-te as minhas formas simples?

AUDREY · Vossas formas? Deus vos guarde! Que formas?

TOQUE · Encontro-me aqui contigo e tuas cabras como entre os godos o mais caprichoso dos poetas, o honesto Ovídio.

JAQUES (*à parte*) · Oh, que saber mal albergado! Pior do que Jove em uma palhoça.

TOQUE · Quando os versos da gente não podem ser compreendidos, nem o seu espírito secundado pela criança precoce que se chama entendimento, é coisa pior para deixar como morto do que uma conta grande em quarto pequeno. Em verdade, desejava que os deuses te houvessem feito com disposição poética.

AUDREY · Não sei que quer dizer “Poética”; é honesta em atos e em palavras? É coisa de verdade?

TOQUE · Não, de fato; porque a poesia mais verdadeira é a mais fingida; os namorados são dados à poesia, podendo-se dizer que o que eles juram em poesia inventam como apaixonados.

AUDREY · E desejas que os deuses me houvessem feito poética?

TOQUE · Sem dúvida, porque me juraste que és honrada; se fosses poetisa, haveria esperança de que estivesses fingindo.

AUDREY · E não quereis que eu fosse honesta?

TOQUE · Não, realmente, a menos que fosses feia, porque honestidade de par com beleza vem a ser mel servindo de molho para açúcar.

JAQUES (*à parte*) · Que senso prático o desse bobo!

AUDREY · Bem; não sou bonita, por isso mesmo peço aos deuses que me façam honesta.

TOQUE · É certo; além do mais, malgastar a honestidade em gente feia, seria o mesmo que servir boa iguaria num prato sujo.

AUDREY · Desmazelada é o que eu não sou, conquanto agradeça aos deuses por ser feia.

TOQUE · Louvados sejam os deuses por tua feiúra! O desmazelo poderia vir depois. Mas, seja como for, apraz-me desposar-te, e para isso já estive com sir Olivério Sujatexto, vigário da vila próxima, que ficou de encontrar-se comigo nesta parte da floresta, a fim de unir-nos.

JAQUES (*à parte*) · Desejaria ver esse encontro.

AUDREY · Bem: que os deuses nos concedam alegria!

TOQUE · Amém. Um homem de ânimo tímido poderia mostrar-se indeciso em semelhante prova, por não termos aqui outros templos a não serem os bosques, nem testemunhas afora os animais de chifre. Mas que importa? Coragem! Os chifres são tão odiosos quanto necessários. É costume dizer-se que muita gente não conhece até onde chegam seus próprios haveres. Nada mais certo; e muita gente, também, possui chifres, sem que saiba onde eles terminam. Ótimo; é o dote da mulher, não contribuição própria. Chifres? Só os possuem os coitados dos homens? Não, não; o mais nobre

dos cervos os possui tão grandes como o mais desprezível. É abençoado o solteirão por esse fato? Não; do mesmo modo que uma cidade murada é mais importante do que uma aldeia, assim também a testa do homem casado é mais respeitável do que as frentes vazias do solteirão; do mesmo modo que muita defesa vale mais do que consumada imperícia, assim também vale mais um chifre do que nenhum.

(Entra sir Olivério Sujatexto.)

Sois bem-vindo, sir Olivério Sujatexto. Quereis despachar-nos aqui mesmo, embaixo desta árvore, ou é preciso ir à vossa capela?

SIR OLIVÉRIO · Não há ninguém aqui para apresentar a noiva?

TOQUE · Não desejo recebê-la como dádiva de ninguém.

SIR OLIVÉRIO · Mas é preciso que ela seja apresentada, sem o quê o casamento não será válido.

JAQUES *(avançando)* · Continuai, continuai; eu a apresentarei.

TOQUE · Boa tarde, meu caro senhor de qualquer nome; como ides passando? Sois muito bem-vindo; Deus vos abençoe por vosso comparecimento; alegre-me rever-vos; estamos aqui com a mão na pá, meu senhor. Não, por obséquio, cobri-vos.

JAQUES · Estás com vontade de casar, sarapintado?

TOQUE · Do mesmo modo que o boi tem a sua carga, senhor, o cavalo seu freio e o falcão seus guisos, o homem tem desejos; e assim como os

pombos se acariciam com o bico, os noivos desejam morder-se.

JAQUES · E vós, um homem de vossa educação, quereis casar com semelhante moita, que parece mendiga? Ide à igreja e procurai um sacerdote que possa dizer-vos o que é o casamento; este sujeito vai juntar-vos como se juntam tábuas de ferro; com o tempo, um de vós resseca e empena como madeira verde.

TOQUE *(à parte)* · Não me sai do pensamento que será melhor que o casamento seja feito por este aqui, por parecer-me que não vai casar-nos bem. Ora, não estando bem casado, terei depois excelente desculpa para descartar-me da mulher.

JAQUES · Vem comigo, meu caro, e ouve um conselho.

TOQUE · Vem, querida Audrey, precisamos casar ou amasiar-nos.

Adeus, mestre Olivério;

Oh doce Olivério,
oh bravo Olivério,
não me deixes ficar tão sozinho;

mas,

precisas deixar-me,
não hás de casar-me,
que eu, sem ti, acharei meu caminho.

(Saem Jaques, Toque e Audrey.)

SIR OLIVÉRIO · Pouco importa; não hão de ser as chufas desses velhacos fantásticos que poderão desviar-me de minha vocação.

(Sai.)

Ato III · Cena IV

A floresta.

Entram Rosalinda e Célia.

ROSALINDA · Não me fales mais; quero chorar.

CÉLIA · Pois então, chora; mas faze o favor de considerar que as lágrimas não ornaram os homens.

ROSALINDA · Mas não tenho motivo para chorar?

CÉLIA · Maior, não é possível; por isso chora.

ROSALINDA · Até seus cabelos são de cor fingida.

CÉLIA · Algo mais escuros do que os de Judas. Sim, seus beijos são legítimos filhos de Judas.

ROSALINDA · Realmente, seus cabelos são de bonita cor.

CÉLIA · Admirável! Não há como o castanho.

ROSALINDA · E seus beijos são tão cheios de santidade como a hóstia sagrada.

CÉLIA · Ele comprou de Diana um par de lábios castos; uma freira da Irmandade do Inverno não beijaria com maior unção religiosa; encerram a castidade do gelo.

ROSALINDA · Então, por que ele jurou que viria esta manhã, e até agora não veio?

CÉLIA · É que decerto não tem palavra.

ROSALINDA · Estais falando sério?

CÉLIA · Como não? Não creio que ele seja batedor de carteira nem ladrão de cavalo; mas, quanto à sua sinceridade em questão de amor, considero-o tão oco como uma taça de borco ou uma noz bichada.

ROSALINDA · Não é sincero no amor?

CÉLIA · É, quando apaixonado; mas não creio que o esteja.

ROSALINDA · Tu própria ouviste quando ele jurou que o estava.

CÉLIA · “Estava” não é “está”; além do mais, juramento de namorado vale tanto quanto palavra de taberneiro; ambos servem para confirmar contas falsas. Ele vive aqui na floresta, com o duque, vosso pai.

ROSALINDA · Encontrei ontem o duque e tive de responder a muitas perguntas dele. Quis saber de que família eu era; disse-lhe que de tão boa quanto a dele; sorriu e deixou-me partir. Mas, para que falamos dos pais, quando existe um homem como Orlando?

CÉLIA · Que sujeito valente! Escreve valentes versos, diz palavras valentes, faz juramentos valentes e valentemente os quebra, de viés, atravessando o coração da mulher amada como um justador novato que esporeia o cavalo só de um lado e quebra a lança como um nobre pato. Mas é valente tudo o que a

mocidade cavalga e a loucura dirige. Quem vem vindo aí?

(*Entra Corino.*)

CORINO · Ama e senhor, por vezes perguntastes o nome do pastor enamorado que tendes visto junto a mim, sentado na grama, a elogiar a desdenhosa pastora que já foi sua apaixonada.

CÉLIA · Muito bem; onde está?

CORINO · Se veraz cena
quereis ver entre o pálido semblante
do amor sincero e o vívido rubor
do desdém orgulhoso, aqui bem perto
vos levarei, se acaso desejares presenciá-la.

ROSALINDA · Pois não! Vamos depressa,
que ver a namorada alimenta
corações amorosos. Conduzi-nos
a esse espetáculo; querendo a sorte,
na peça hei de fazer papel de porte.

(*Saem.*)

Ato III · Cena V

*Outra pane da floresta.
Entram Sílvio e Febe.*

SÍLVIO · Poupai-me, doce Febe, esse desprezo;
vosso amor recusai-me, mas fazei-o
sem agrura. O verdugo a que o espetáculo
da morte o peito endureceu, jamais
cair deixa o machado na humilhada
cerviz sem que primeiro se desculpe.

Quereis ser mais severa do que aquele
que de gotas de sangue vive e morre?

FEBE · Evito ser o teu verdugo;
fujo de ti, porque não quero magoar-te.
Disseste que nos olhos tenho a Morte;
maravilha, decerto, mas explica-se
que os olhos, o que existe de mais frágil,
com medo a porta aos átomos cerrando,
sejam tiranos, brutos e assassinos!

Com o cenho carregado ora te miro;
que meus olhos te matem, se eles ferem.
Vamos, finge desmaio; cai no solo;
se o não fizeres, oh vergonha! ficas
proibido de chamar-lhes assassinos.

Mostra as feridas que eles produziram.
Se o alfinete te pica, remanesce
sempre o sinal; apóia-se no junco,
e na mão hás de ter por algum tempo
a cicatriz e a marca do contacto.

Mas meus olhos, que tanto em ti dardejам,
não te molestam. Não, tenho certeza:
não há poder em olhos que magoam.

SÍLVIO · Minha Febe querida, se jamais —
fosse hoje esse jamais! — num lindo rosto
vieres a descobrir esse inefável
poder da fantasia, hás de as feridas
invisíveis sentir, que são causadas
pelas setas do amor.

FEBE · Mas até então
não me procures; e ao chegar tal tempo,
persegue-me com tuas zombarias,
sem piedade, tal como, sem piedade,
até esse tempo hei de fazer contigo.

ROSALINDA (*avançando*) ·
Por quê? pergunto; quem foi vossa mãe,
para insultardes tanto e com requintes
a esse infeliz? Se vos falece toda

beleza — que só vejo o necessário para ir deitar-se à noite sem candeia — há razão para serdes insensível e orgulhosa? Mas que é que estais pensando? Por que me olhais assim? Em vós não vejo nada além do que se acha nos artigos comuns da natureza. Por minha alma! não é que ela pretende enfeitçar-me? Não, vaidosa; podeis desistir disso. Nem os cabelos negros e sedosos, que vos ornem, nem esses supercílios, nem esses olhos que parecem contas, nem essas faces tenras como creme terão poder jamais para forçar-me a adorar-vos. E vós, néscio pastor, por que a seguis, qual vento sul nublado, cheio de chuva e brumas? Em confronto com ela sois mil vezes mais bonito. São os tolos como vós que enchem o mundo de filhos malnascidos. Não é o espelho que a adula, mas vós mesmo; refletida em vós se vê mais bela do que o mostram seus traços naturais. Reconhecei-vos, senhora; ponde-vos de joelho e graças ao céu enviai, contrita, por haverdes alcançado este amor. É como amigo que vos falo no ouvido: sem demora vendei-vos, que não sois para os mercados; perdão pedi-lhe; amai-o; que é horrorosa a fera, quando prima de orgulhosa. Pastor, leva-a contigo; passai bem.

FEBE · Continuai a insultar-me, gentil moço, por um ano, que agrado acho mais nisto do que no galanteio deste moço.

ROSALINDA · Ele se apaixonou de sua feiúra, e ela de minha cólera. Se for assim, logo que ela te responda com cenho carregado, eu lhe porei molho de palavras amargas. Por que me olhais desse jeito?

FEBE · Não há de ser por ódio.

ROSALINDA · Não vos apaixoneis por mim, vos peço, que eu sou mais falsa do que juramentos formulados no vinho, sobre serdes-me intolerável. Procurais meu pouso? Fica bem perto: é ali, nas oliveiras. Vamos, mana? Pastor, sede mais áspero.

Vamos, mana. Pastora, mais carinho; o orgulho abandonai, pois muito embora vos veja o mundo inteiro, este pastor na miopia revela um grande amor. Vamos cuidar das cabras.

(*Saem Rosalinda, Célia e Corino.*)

FEBE · Caro pastor, teu dito me conquista: “O amor, de fato, é só à primeira vista.”

SÍLVIO · Querida Febe...

FEBE · Que disseste, Sílvio?

SÍLVIO · Querida Febe, compaixão.

FEBE · Tenho de ti piedade, caro Sílvio.

SÍLVIO · Onde há piedade deve haver alívio; se cuidado vos dá meu sofrimento de amor, dando-me amor, vossos cuidados e minha pena a um tempo se dissipam.

FEBE · Tens meu amor; não sou eu generosa?

SÍLVIO · A vós é que eu desejo.

FEBE · Isso é cobiça.

Sílvio, houve tempo, certo, em que eu te odiava, conquanto não te diga que já te ame.

Mas já que sobre o amor tão bem discorres, suportarei tua presença, outrora tão fastidiosa. Quero dar-te emprego; mas não esperes outra recompensa senão a só alegria de servir-me.

SÍLVIO · Meu amor é tão grande e tão sagrado, e em tal carência eu vivo de favores, que aceito como esplêndida colheita seguir o lavrador, para as espigas juntar que ele despreze. Alguns sorrisos de longe em longe à vida há de bastar-me.

FEBE · Conheces o mancebo que aqui esteve?

SÍLVIO ·

Não muito, mas encontro-o com frequência: comprou a cabana e as terras que já foram daquele velho rústico.

FEBE · Não presumas que amor lhe tenho por falar-te nele.

É impertinente; aliás, sabe expressar-se.

Mas que importam palavras? Sim, são boas, quando agrada ao que as ouve quem as diga.

Um belo moço; não, não tanto assim;

orgulhoso, decerto, mas o orgulho vai-lhe bem; há de dar um homem lindo.

Nele a cor é o mais raro, e, mais depressa

do que a língua magoa, os olhos curam.
 Não é muito alto; é alto para os asnos;
 as pernas, mais ou menos; bem formadas.
 Nos lábios, um vermelho irresistível,
 um tanto mais maduro e carregado
 do que o das faces, justa a diferença
 entre o vermelho e o róseo do damasco.
 Muitas mulheres, Sílvio, que lhe houvessem
 como eu, notado os traços, ficariam
 por ele apaixonadas; por meu lado
 nem o amo nem o odeio, embora tenha
 razões mais ponderáveis para odiá-lo.

Que direito tinha ele de ralhar-me?
 Disse que os meus cabelos eram pretos;
 que os olhos eram pretos... sim, recordo-me,
 puro escárnio; não sei por que calei-me.
 Pouco importa; quem cala não diz nada.
 Vou fazer-lhe uma carta bem sarcástica;
 tu próprio hás de entregar-lha; queres, Sílvio?
SÍLVIO · Com todo o gosto, Febe.
FEBE · Vou escrever-lhe
 sem demora; no peito e na cabeça
 já tenho o assunto. Vou ser bem amarga
 com ele, sem pensar em dizer pouco.
 Vem, Sílvio; vem comigo.

Ato IV · Cena I

(Saem.)

A floresta.
Entram Rosalinda, Célia e Jaques.

JAQUES · Lindo jovem, desejo conhecer-te mais de perto.

ROSALINDA · Dizem que sois um sujeito melancólico.

JAQUES · De fato; prefiro isso a rir.

ROSALINDA · As pessoas que se entregam a excesso, em qualquer caso, se tornam detestáveis, sendo muito mais passíveis de censura do que os bêbados.

JAQUES · Ora! É bom a gente ficar triste e não dizer nada.

ROSALINDA · Nesse caso é bom também ser poste.

JAQUES · Não possuo nem a melancolia do sábio, que é emulação, nem a do músico, que é fantástica, nem a do cortesão, que é simples orgulho, nem a do soldado, que é ambiciosa, nem a do jurista, que é política, nem a das mulheres, que não passa de faceirice, nem a dos namorados, que abrange todas elas; trata-se de uma melancolia muito minha, composta de muitos simples, extraída de variados objetos, mais propriamente a súmula de tudo o que eu contemplei em minhas viagens e que, por mim sempre ruminada, me envolve na mais caprichosa das tristezas.

ROSALINDA · Um viajante! Pois tendes razões de sobra para serdes triste; receio muito que houvésseis vendido vossas terras para ver a dos outros; ter visto

muito e nada possuir, equivale a ler olhos ricos e mãos pobres.

JAQUES · Mas ganhei experiência.

ROSALINDA · Experiência essa que vos deixa triste; preferira um bobo que me alegrasse a uma experiência que me entristecesse. Viajar para isso!

(*Entra Orlando.*)

ORLANDO · Bom dia e paz, querida Rosalinda.

JAQUES · Que Deus vos guarde, se vos pondes a falar em versos brancos.

(*Sai.*)

ROSALINDA · Adeus, senhor viajante; tratai de falar cheio de esses e de vestir trajos estranhos; denegri o que há de bom em vossa pátria; renegai o berço e chegai, até, ao ponto de reprochar a Deus por vos ter dado essa aparência, sem o que não me será possível acreditar que vogastes em gôndola. Oh! por aqui, Orlando? Por onde andastes todo esse tempo? Se me pregardes outra peça como esta, não deveis mais apresentar-vos diante de mim.

ORLANDO · Minha bela Rosalinda, só cheguei com uma hora de atraso.

ROSALINDA · Atrasar-se de uma hora em um encontro de amor! Quem de um minuto dividido em mil partes é capaz de quebrar uma parte que seja de um milésimo de minuto, em negócios de amor, pode ser que Cupido lhe tenha tocado no ombro, mas asseguro que se encontra com o coração intacto.

ORLANDO · Perdoa-me, querida Rosalinda.

ROSALINDA · Não, senhor; se sois tão vagaroso, não apareçais mais diante de mim; prefiro ser cortejada por um caracol.

ORLANDO · Um caracol?

ROSALINDA · Sim, um caracol; porque embora ande devagar, carrega na cabeça a casa, que é dote de mais valia, penso, do que o que podeis oferecer a uma noiva. Além do mais, já traz consigo o próprio destino.

ORLANDO · Como assim?

ROSALINDA · Os chifres, ora essa, que as pessoas como vós querem dever às esposas; ele, no entanto, já vem armado com a sorte, evitando, assim, que falem da mulher.

ORLANDO · A virtude não faz chifres; e a minha Rosalinda é virtuosa.

ROSALINDA · É eu sou a vossa Rosalinda.

CÉLIA · Ele se compraz em chamar-vos desse jeito, mas possui uma Rosalinda de mais belo colorido do que o vosso.

ROSALINDA · Vamos; cortejai-me; cortejai-me, que me sinto hoje com disposição de feriado e propenso a consentir. Que me diríeis neste momento, se eu fosse, de verdade, mas de verdade mesmo, a vossa Rosalinda?

ORLANDO · Antes de falar, daria um beijo.

ROSALINDA · Não; faríeis melhor falando primeiro; e quando désseis em seco por falta de assunto poderíeis aproveitar ocasião para beijar. Os bons oradores cospem quando se atrapalham; para os amantes com falta de assunto — Deus nos livre! — o mais limpo expediente será beijar.

ORLANDO · E no caso de recusa?

ROSALINDA · Então ela vos porá na contingência de ter de suplicar, começando aí novo assunto.

ORLANDO · Mas quem poderá ficar sem assunto diante de sua dama bem-amada?

ROSALINDA · Vós sem dúvida, se eu fosse a vossa amada; sem o quê, eu imaginara que a minha virtude me tivesse sobrepujado o espírito.

ORLANDO · Por causa do modo de eu fazer a corte?

ROSALINDA · Não por vossa corte, mas por vosso corte. Não sou eu a vossa Rosalinda?

ORLANDO · Alegria-me chamar-vos desse modo, por desejar falar a respeito dela.

ROSALINDA · Pois então, eu sua pessoa direi que não vos quero.

ORLANDO · Nesse caso, em minha pessoa, morrerei.

ROSALINDA · Isso não; morrei por procuração. O pobre mundo já conta seis mil anos, e durante todo esse tempo ninguém morreu em sua própria pessoa, *videlicet*, por motivo de amor. Tróilo teve os miolos esmigalhados por uma clava grega, apesar de ter feito o que pôde para morrer antes e de ser um dos modelos do amor. Leandro poderia ter vivido ainda muitíssimos belos anos, mesmo que Hero houvesse ficado freira, se não fosse uma noite de canícula do verão; moço como era, fora apenas banhar-se no Helesponto; mas afogou-se por causa das câibras; foram os cronistas ingênuos da época que acharam que morrera por causa de “Hero de Sesto”. Mas nada disso passa de invencionice; os homens têm morrido de tempos em tempos e os vermes os têm devorado, mas não por amor.

ORLANDO · Não quisera que a minha verdadeira Rosalinda pensasse desse modo, por ser certo que me mataria com um simples franzir do sobrecenho.

ROSALINDA · Por esta mão, ela não matará um mosquito. Mas vinde; daqui por diante vou ser a vossa Rosalinda com melhor disposição; podeis pedir o que quiserdes, que vo-lo concederei.

ORLANDO · Nesse caso, ama-me, Rosalinda.

ROSALINDA · Muito bem; nas sextas-feiras, nos sábados e todos os dias.

ORLANDO · E aceitais-me como esposo?

ROSALINDA · Sim, com mais vinte iguais a vós.

ORLANDO · Como disseste?

ROSALINDA · Não sois bom?

ORLANDO · Creio que sim.

ROSALINDA · Então? Pode haver excesso no desejo de alguma coisa boa? Vem, mana; vais servir de padre para casar-nos. Orlando, dai-me a mão. Que dizeis, mana?

ORLANDO · Rogo-vos que nos caseis.

CÉLIA · Não sei as palavras.

ROSALINDA · É preciso começar por: “Orlando, quereis...”

CÉLIA · Ótimo! Quereis, Orlando, tomar esta Rosalinda como esposa?

ORLANDO · Quero.

ROSALINDA · Bem; mas quando?

ORLANDO · Ora, agora mesmo; logo que ela nos case.

ROSALINDA · Nesse caso deveríeis dizer: “Rosalinda, eu te aceito por esposa”.

ORLANDO · Rosalinda, eu te aceito por esposa.

ROSALINDA · Poderia exigir a apresentação dos documentos; mas eu te aceito, Orlando, por marido. Eis uma jovem que se antecede ao sacerdote, do mesmo modo que os pensamentos da mulher se antecipam aos atos.

ORLANDO · É o que se dá com todos os pensamentos; possuem asas.

ROSALINDA · Dizei-me agora por quanto tempo pretendeis ficar com ela depois que ela for vossa.

ORLANDO · A eternidade e mais um dia.

ROSALINDA · Dizei “um dia” sem essa “eternidade”. Não, não, Orlando; os homens são abril, quando fazem a corte e dezembro, quando se casam; as mulheres são maio, enquanto donzelas; o tempo, porém, as transforma, quando se tornam esposas. Hei de ter mais ciúmes de ti do que de sua galinha um galo berbere; serei mais barulhenta do que papagaio, quando ameaça chuva; mais caprichosa do que macaco e mais luxenta nos meus desejos do que mono; chorarei por nada, como Diana na fonte, e isso, quando estiverdes de bom humor, e hei de ir como uma hiena, justamente quando manifestardes desejos de dormir.

ORLANDO · Mas a minha Rosalinda fará isso tudo?

ROSALINDA · Por minha vida; ela fará justamente como eu.

ORLANDO · Oh, mas ela é sensata.

ROSALINDA · Sem o quê não teria espírito para tanto; quanto mais sensata, mais voluntariosa. Fechai as portas ao espírito feminino, e ele escapará pela janela; fechai esta, e ele sairá pelo buraco da fechadura; entupi o buraco, e ele fugirá com a fumaça pela chaminé.

ORLANDO · O indivíduo que tivesse uma mulher de semelhante espírito, poderia perguntar: “Espírito, para onde vais?”

ROSALINDA · Poderíeis deixar essa interpelação para quando vísseis o espírito de vossa mulher no ponto de ir para o leito do vizinho.

ORLANDO · E que espírito teria espírito para justificar-se?

ROSALINDA · Ora, diria que tinha ido procurar-vos lá, jamais apanharíeis sem resposta, a menos que a apanhásseis sem língua. Oh! a mulher que não sabe pôr a culpa no marido por suas próprias faltas, não deve amamentar o filho, pela certeza de criar um palerma.

ORLANDO · É forçoso que eu te deixe por duas horas, Rosalinda.

ROSALINDA · Ah, meu amor! Não posso ficar sem ti durante duas horas.

ORLANDO · Tenho de jantar com o duque; às duas horas estarei novamente contigo.

ROSALINDA · Então segui vosso caminho, seguiu vosso caminho; já sabia como haveríeis de revelar-vos; meus amigos me tinham dito isso mesmo, do que eu não duvidava. Foi vossa língua adulatora que me conquistou; sim, nada passa de um caso de abandono; por isso, vem, Morte! Marcastes para as duas horas?

ORLANDO · Sim, doce Rosalinda.

ROSALINDA · Por minha fé, juro-o com toda a sinceridade, assim Deus me proteja, por todos os belos juramentos que não são perigosos, que se faltardes um jota do que prometeis, ou se chegardes com um minuto de atraso, ter-vos-ei pelo mais patético quebrantador de juras, o mais infiel amante e o mais indigno da que chamais de Rosalinda, dentre a imensa turba dos amantes infiéis. Por isso, tomai cuidado com as minhas ameaças e cumpri o que prometestes.

ORLANDO · O que farei tão religiosamente, como se fôsseis, de fato, a minha Rosalinda. E, com isso, adeus.

ROSALINDA · Está bem; o tempo é o velho juiz de semelhantes criminosos; por isso, o tempo vos julgará. Adeus.

(Sai Orlando.)

CÉLIA · Maltratastes belamente o nosso sexo, com vossa tagarelice sobre o amor. Merecias que te arrancássemos as calças e o gibão, para mostrar ao mundo o que o pássaro fez no próprio ninho.

ROSALINDA · Oh priminha, priminha, minha linda priminha! Se soubesses quantas braças eu estou afundada no amor! Nem é possível sondar; do mesmo modo que se dá com a baía de Portugal, não se conhece o fundo de minha paixão.

CÉLIA · Seria preferível dizer que não tem fundo, porque quanto mais sentimentos lhe deitas, mais se escoa.

ROSALINDA · Não, que o diga esse bastardo de Vênus tão maroto, gerado do pensamento, concebido pela melancolia e nascido da loucura, esse mesmo rapazinho tratante e cego, que engana

os olhos de toda a gente por haver perdido os seus, quanto me acho atolada no amor. Só uma coisa te digo, Aliena, que não posso viver longe da vista de

Orlando. Vou procurar alguma sombra, para ficar suspirando até que ele retorne.

CÉLIA · Pois eu vou dormir.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena II

A floresta.

Entram Jaques, nobres e caçadores.

JAQUES · Quem foi que matou o veado?

UM NOBRE · Fui eu, senhor.

JAQUES · Apresentemo-lo ao duque, como a um vencedor romano. Seria bom pôr-lhe na frente os chifres do veado, à guisa de palma da vitória.

Caçador, não tendes nenhuma canção a jeito?

CAÇADOR · Tenho, senhor.

JAQUES · Então, canta-a; não importa que desentoes, contanto que haja barulho.

CAÇADOR ·

Canção

Que deixa o veado ao que o matou na caça?

A pele dura e os cornos em profusão.

Por isso, cantai todos:

(*o restante é cantado em coro.*)

Não te acanhes de ter chifres na testa, que isso, antes de nasceres, era festa.

Teu avô os usou,

teu pai os carregou.

Eia! os chifres alegres e invencíveis,

de desprezar não são, nem são risíveis.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena III

A floresta.

Entram Rosalinda e Célia.

ROSALINDA · Que dizeis agora? Já não passa das duas? E Orlando que não vem?

CÉLIA · Afianço-te que com puro amor e cérebro turvado, ele tomou do arco e das flechas e foi dormir. Vede quem vem vindo aí.

(*Entra Sílvio.*)

SÍLVIO · Belo moço, vós mesmo é que eu procuro.

Minha Febe gentil mandou-vos isto.

Desconheço o conteúdo, mas presumo

pelo cenho severo e por seus gestos

no instante de escrever-vos, que se trate

de algo de tom colérico. Perdoai-me,

que não passo de simples mensageiro.

ROSALINDA · Ante esta carta até a própria Paciência

se insurgira e virara mata-sete. Quem agüenta

isto, certo, agüenta tudo. Diz que sou feio, altivo

e descortês, que jamais viria a amar-me, ainda que

os homens fossem tão raros como a fênix. Céus!

Seu amor não é a lebre que eu persigo. Por que me

escreve desse modo? Pastor, percebo agora que sois o autor da carta.

SÍLVIO · Não! Protesto; não sei o que ela encerra.

Foi Febe quem escreveu.

ROSALINDA · Vamos, és néscio, reduzido a este extremo pelo amor.

Vi-lhe as mãos; pareciam mãos de couro; cor de tijolo; até cheguei a pensar que ela estava de luvas, mas não era.

Tem mãos de lavadeira; mas que importa?

Só digo que esta carta não é dela;

é de homem a inventiva e a própria letra.

SÍLVIO · Juro que é dela.

ROSALINDA · É escrita em estilo cruel e furibundo, tipo de espadachim, e desafia-me

como turco a cristão. O brando espírito

feminil não comporta essas rudezas,

esses termos etíopes, mais negros

no efeito que no aspecto. Posso ler-vo-la?

SÍLVIO · Se vos agrada; nada sei, conquanto

saiba demais que Febe é caprichosa.

ROSALINDA · Ela me febizou. Vede a tirana:

(*Lê.*)

És deus mudado em pastor,
que as jovens queimas no amor?
Uma mulher ofende desse jeito?
SÍLVIO · Chamais a isso ofender?

ROSALINDA (*lê*):

Por que baixaste até a terra
para a um peito fazer guerra?
Já se viu tal ultraje?

Os homens me cortejavam,
mas jamais mal me causavam.

Quer dizer que eu sou fera!

Se vossa mirada altiva
me deixou assim cativa,
que conseqüência tão rara
o gesto brando causara!

Se o desprezo me prendia,
o afeto que não faria?

O mensageiro deste hino
não sabe por que me fino.

Por ele faze que eu ouça
se tua alma sincera e moça
aceita a minha presença
e mais meus bens de crecença,
ou com uma recusa fria
por ele a morte me envia.

SÍLVIO · Chamais a isso de sarcasmos?

CÉLIA · Pobre pastor!

ROSALINDA · Apiedas-te dele? Não merece
compaixão. Amas a semelhante mulher? Como!
Fazer-te de instrumento, e tirar notas em falso?
Insuportável! Vai, vai para onde ela se encontra,
pois vejo que o amor te transformou em cobra
domesticada, e dize-lhe que, se ela me tem amor,
ordeno-lhe que te ame, e que no caso de não me
obedecer, não quereirei saber mais dela, a menos que
intercedas a seu favor. Se és amante sincero, vai-te
logo daqui, sem replicar uma só palavra, que já vem
chegando mais gente.

(*Sai Sílvio. Entra Olivério.*)

OLIVÉRIO · Bom dia, jovens belos! Poderíeis
dizer-me em que recanto da floresta
há uma choça cercada de oliveiras?

CÉLIA · A oeste deste lugar, no vale próximo,
os vimeiros do rio sussurrante,
se os deixardes à destra, ali vos levam.

Mas a esta hora é certeza estar a casa
cuidando de si própria: está vazia .

OLIVÉRIO · Se pode a língua dirigir os olhos,
conhecer-vos é fácil pelos traços:
a idade, as vestes... “O rapaz é lindo,
de traços feminis, e se comporta
como irmã mais idosa; ela, mais baixa
e mais morena que ele.” Não sois vós
os donos da cabana que eu procuro?
CÉLIA · Se desta arte inquiris, sim, sem vaidade.

OLIVÉRIO ·

A ambos Orlando cumprimenta e ao jovem
que sua Rosalinda ele chamava
envia ele este lenço ensangüentado.
Sois vós?

ROSALINDA · Sou eu; mas a que vem o lenço?

OLIVÉRIO · Será minha a vergonha se quiserdes
saber quem sou e como e por que e onde
se manchou este lenço.

CÉLIA · Contai tudo.

OLIVÉRIO · Quando da última vez o moço Orlando
vos deixou, prometeu que voltaria
dentro de pouco. Ruminando ia ele
pela floresta os sonhos doce-amargos
da fantasia, quando, oh pasmo! Vede
que quadro lhe surgiu diante dos olhos:
sob um velho carvalho recoberto
de musgo, cuja copa altiva o tempo
ressequido deixara limpa e calva,
se achava um desditoso desgrenhado,
de costas, a dormir; uma serpente
verde-ouro se lhe via em torno ao colo,
que a cabeça mexia ameaçadora,
junto da boca. Ao ver, porém, a Orlando,
de súbito desfez seus próprios elos
e sinuosa esgueirou-se para o bosque.

À sombra desse bosque uma leoa
de úbere seco estava, com a cabeça
rente ao chão, vigilante como gato,
à espera só de que o homem se mexesse,
pois a realeza própria dessa fera
proíbe prear o que pareça morto.
Vendo isso, Orlando se aproxima do homem
para nele rever o irmão mais velho.

CÉLIA · Oh! já o ouvira eu falar em tal irmão,
que dizia ser o homem mais mesquinho
e mais desnaturado.

OLIVÉRIO · E com sobejas
razões; desnaturado era, de fato.

ROSALINDA ·

Mas Orlando? Deixou o irmão por pasto da esfaimada leoa de ubres secos?

OLIVÉRIO · Duas vezes voltou-se, com esse intento; mas a bondade, sempre de nobreza maior do que a vingança, e a natureza mais forte sempre do que as justas queixas, levaram-no a enfrentar a leoa brava que logo ali prostrou. Do miserável sono o estridor da luta despertou-me.

CÉLIA · Sois o irmão dele?

ROSALINDA · A vida lhe deveis?

CÉLIA · Mas não fostes vós mesmo que atentastes tantas vezes contra ele?

OLIVÉRIO · Fui, não sou.

Não me envergonha agora relatar-vos quem eu era, uma vez que a conversão por que passei tão doce ora me sabe.

ROSALINDA · E o lenço ensangüentado?

OLIVÉRIO · Já vou lá.

Depois que do começo ao fim banhamos as confissões em efusivas lágrimas, contei-lhe como viera a este deserto. Em resumo: levou-me ao gentil duque, que me deu vestes novas e alimentos e me confiou ao zelo desse irmão que em sua caverna me acolheu de pronto. Despiu-se aí: mas eis que de um dos braços lhe havia a leoa lacerado a carne que ainda está a sangrar. Perde os sentidos, mas ao fazê-lo chama pelo nome de Rosalinda. Em suma: reanimei-o, tratei-lhe da ferida, e, como dentro de pouco tempo já estivesse forte,

mandou-me aqui, posto eu vos seja estranho, para a história contar-vos e, desta arte, conseguir que o escuseis por ter faltado. Também trago este lenço, assim tingido no sangue dele, para ser entregue ao jovem pegureiro, a quem, por graça, se acostumou a chamar sua Rosalinda.

(Rosalinda desmaia.)

CÉLIA · Ganimedes, que é isso? Ganimedes!

OLIVÉRIO · Muita gente desmaia vendo sangue.

CÉLIA · Aqui há mais coisa. Prima Ganimedes!

OLIVÉRIO · Vede, já volta a si.

ROSALINDA · Quisera em casa estar.

CÉLIA · Vou conduzir-te; por favor, segurai-o pelo braço.

OLIVÉRIO · Ânimo, rapaz! Um homem, vós? Não tendes coração de homem.

ROSALINDA · Sim, confesso-o. Ah, senhor! Não há quem não diga que não foi bem fingido. Contai a vosso irmão, por obséquio, como eu soube fingir. Ah, ah!

OLIVÉRIO · Não; não foi fingimento; vossa cor é a melhor prova de que se trata de emoção sincera.

ROSALINDA · Fingimento, posso assegurar-vos.

OLIVÉRIO · Muito bem; mas agora criai coragem e fingi de homem.

ROSALINDA · É o que estou fazendo; mas o de que não há dúvida é que eu deveria ter nascido mulher.

CÉLIA · Vamos: cada vez ficais mais pálido; vamos para casa. Caro senhor, vinde conosco.

OLIVÉRIO · Fá-lo-ei, pois é mister dizer ao mano como ides desculpá-lo, Rosalinda.

ROSALINDA · Vou pensar em qualquer coisa; mas peço-vos que lhe encareçais o meu fingimento. Não vindes?

(Saem.)

Ato V · Cena I

A floresta.

Entram Toque e Audrey.

TOQUE · Havemos de encontrar ocasião, Audrey; paciência, gentil Audrey.

AUDREY · Só o que eu sei é que o padre era suficientemente bom, diga o que disser aquele velho senhor.

TOQUE · É um sujeito perverso, esse sir Olivério, Audrey, um vilíssimo Sujatexto. Mas, Audrey, aqui na floresta há certo rapaz que tem pretensões a vosso respeito.

AUDREY · Sei quem é; mas não tem nenhum direito sobre a minha pessoa. Aí vem o sujeito a que vos referis.

TOQUE · Para mim é verdadeiro petisco encontrar um bufão. Por minha vida, nós, as pessoas

espirituosas, temos grande responsabilidade; precisamos recorrer à zombaria; é impossível contermo-nos.

(*Entra Guilherme.*)

GUILHERME · Boa tarde, Audrey.

AUDREY · Deus vos dê boa tarde, Guilherme.

GUILHERME · Boa tarde também para vós, senhor.

TOQUE · Boa tarde, caro amigo. Cubra a cabeça, cubra a cabeça; cubra-se, por obséquio. Quantos anos tendes, amigo?

GUILHERME · Vinte e cinco, senhor.

TOQUE · Idade madura. Chamas-te Guilherme?

GUILHERME · Guilherme, sim senhor.

TOQUE · Belo nome. Nascestes aqui na floresta?

GUILHERME · Sim, senhor; graças a Deus.

TOQUE · Graças a Deus! Boa resposta. És rico?

GUILHERME · Assim, assim.

TOQUE · Assim, assim. Está bem, muito bem, excelente; aliás, não tanto; é apenas assim, assim. És sábio?

GUILHERME · Sim, senhor; sou dotado de regular engenho.

TOQUE · Disseste muito bem. Acode-me oh provérbio: o néscio se julga sábio, mas o sábio se reconhece néscio. Quando o filósofo pagão desejava comer uva, abria os beiços ao pô-la na boca, significando com isso que as uvas foram feitas para serem comidas e os lábios para se abrirem. Amais a esta donzela?

GUILHERME · Sim, senhor.

TOQUE · Dai-me a mão. Tendes instrução?

GUILHERME · Não, senhor.

TOQUE · Nesse caso, aprendei comigo o seguinte: ter é ter, pois constituí uma figura de retórica que, quando se despeja em um copo a bebida de uma taça, à medida que aquele se enche, esta se esvazia, porque todos os nossos autores estão de acordo em que *ipse* quer dizer ele. Muito bem; o *ipse* não sois vós; eu é que sou ele.

GUILHERME · Qual ele, senhor?

TOQUE · O ele que vai casar com esta mulher. Por isso, bobo, abandonai — o que em vulgar significa deixai — a sociedade — que em linguagem rústica quer dizer companhia — desta criatura feminina — expressão comum para mulher. Em suma: abandonai a sociedade desta mulher, do contrário, bobo, vireis a perecer, ou, para que possais compreender mais facilmente, morrer; a saber: eu te mato, farte-ei desaparecer, mudarei tua vida em morte, tua liberdade em escravidão; lançarei mão de veneno, do bastão ou do aço; forjarei uma conspiração contra ti, esmagar-te-ei pela astúcia, matar-te-ei de cento e cinquenta maneiras diferentes. Por isso, treme e some daqui.

AUDREY · Vai, meu bom Guilherme.

GUILHERME · Deus vos conserve o bom humor.

(*Sai. Entra Corino.*)

CORINO · Nosso amo e nossa ama vos procuram. Vinde depressa.

TOQUE · Corre, Audrey! Corre, Audrey, que eu já te sigo.

(*Saem.*)

Ato V · Cena II

A floresta.

Entram Orlando e Olivério.

ORLANDO · É possível que com tão pouco tempo de conhecimento ficásseis gostando dela? que a amásseis à primeira vista? que logo vos houvésseis declarado, e que ela vos aceitasse a corte? Persistis no intento de desposá-la?

OLIVÉRIO · Não vos preocupeis com a precipitação que se revela em tudo isso, sua pobreza, o pouco tempo de conhecimento, o repentino da declaração e de sua resposta afirmativa; dissei apenas comigo

que eu amo Aliena; dissei com ela que ela me tem amor; concordai com ambos nessa realização, o que, aliás, redundará em vosso proveito, porque transferirei para vosso nome a casa de meu pai e de todos os demais rendimentos deixados pelo velho sir Rolando. Quanto a mim, viverei e morrerei aqui na qualidade de pastor.

ORLANDO · Tendes o meu consentimento; realizaremos amanhã o casamento; vou convidar o duque e todo o seu jovial séquito. Ide aprontar Aliena, porque, bem vedes, aí vem vindo a minha Rosalinda.

(*Entra Rosalinda.*)

ROSALINDA · Deus vos guarde, irmão.

OLIVÉRIO · E a vós também, bela irmã.

(*Sai.*)

ROSALINDA · Oh, meu querido Orlando, como me penaliza ver que trazes o coração na tipóia.

ORLANDO · O braço.

ROSALINDA · Julguei que as garras da leoa te haviam ferido o coração.

ORLANDO · Ferido está ele, mas pelos olhos de uma dama.

ROSALINDA · Vosso irmão vos contou como eu fingi de desmaiar, quando ele me mostrou o lenço?

ORLANDO · Sim, e maiores maravilhas, ainda.

ROSALINDA · Sei bem aonde quereis chegar; sim, é fato; jamais se viu coisa tão subitânea, afora a luta de dois carneiros ou a fanfarronada hiperbólica de César, com o seu “Cheguei, vi e venci”. Porque vosso irmão e vossa irmã, mal se encontraram, logo se olharam; mal se olharam, logo se amaram; mal se amaram, logo suspiraram; mal suspiraram, perguntaram o motivo de o haverem feito; mal souberam a razão, logo procuraram o remédio; e com semelhantes degraus construíram um par de escadas para o casamento, que terão de subir incontinenti se não quiserem ficar incontinentes antes do casamento; encontram-se em verdadeira fúria amorosa e desejam unir-se; não há bastonadas que possam separá-los.

ORLANDO · Casam-se amanhã, e eu vou convidar o duque para a cerimônia. Mas como é amargoso contemplar a felicidade através dos olhos de outrem! Amanhã estarei com o coração tanto mais angustiado, quanto mais feliz considerar meu irmão por haver alcançado o que tanto almeja.

ROSALINDA · Ora essa! Amanhã eu não poderei fazer as vezes de Rosalinda?

ORLANDO · Não me é possível continuar a viver só de fantasias.

ROSALINDA · Nesse caso não continuarei a fatigar-vos com conversas ociosas. Aprendeí, portanto, comigo, e digo isso com alguma intenção, por saber que sois de boa família; não digo isso para que fiqueis fazendo conceito elevado dos meus conhecimentos, pelo fato de revelar-vos quem sois; muito menos viso a conquistar maior apreço do que o decorrente de um pouco de confiança de vossa parte, e isso em vosso proveito, não para enaltecere-

me. Acreditei-me, portanto, se o quiserdes, que eu sou capaz de fazer coisas extraordinárias; desde a idade de três anos convivi com um mágico de grande saber em seu mister, mas que não perdeu a alma por esse fato. Se amais a Rosalinda com todas as veras do coração, como o proclama vossa conduta, quando vosso irmão desposar Aliena, casareis com Rosalinda. Conheço a condição aflitiva em que ela se encontra, não me sendo impossível, no caso de nada objetares, apresentar-vo-la em pessoa, e isso sem o menor perigo.

ORLANDO · Estás como eu falando sério?

ROSALINDA · Sim, por minha vida, que aprecio sobre tudo, embora houvesse confessado que sou feiticeiro. Por isso, ponde vossa melhor roupa, convidai os amigos, porque casareis amanhã, se desejardeis, e com Rosalinda, se o quiserdes.

(*Entram Sílvio e Febe.*)

Eis que chega a minha apaixonada e o apaixonado dela.

FEBE · Foste pouco cortês comigo, jovem, mostrando a carta que eu vos escrevera.

ROSALINDA · Pouco me importa, pois é meu desejo que me julgues grosseiro e despeitado. Acompanha-vos sempre um fiel pastor; vede-o, amai-o, pois ele vos adora.

FEBE · Explica, bom pastor, a este mancebo o que é, de fato, o amor.

SÍLVIO · É ser composto de lágrimas somente e de suspiros, tal qual por Febe eu sou.

FEBE · Como eu por Ganimedes.

ORLANDO · Como eu por Rosalinda.

ROSALINDA · E eu por mulher alguma.

SÍLVIO · É ser fidelidade e devoção, como por Febe eu sou.

FEBE · Como eu por Ganimedes.

ORLANDO · Como eu por Rosalinda.

ROSALINDA · E eu por mulher alguma.

SÍLVIO · É ser feito de pura fantasia, nada mais que paixão, puro desejo, obediência, dever, adoração, impaciência e paciência, só humildade, só pureza, observância e sacrifício, como eu por Febe.

FEBE · Como eu por Ganimedes.

ORLANDO · Como eu por Rosalinda.

ROSALINDA · E eu por mulher alguma.

FEBE (*a Rosalinda*) ·

Se assim é, por que o amor me censurais?

SÍLVIO (*a Febe*) ·

Se assim é, por que o amor me censurais?

ORLANDO · Se assim é, por que o amor me censurais?

ROSALINDA · A quem dizeis: por que me censurais?

ORLANDO · A quem ausente está e não pode ouvir-me.

ROSALINDA · Por obséquio, vamos parar com isso; parece mais o uivar de lobos irlandeses à lua.

(*A Sílvio.*) Ajudar-vos-ei, se puder. (*A Febe.*)

Amar-vos-ia, se pudesse. Reunamo-nos amanhã.

(*A Febe.*) Casar-me-ei convosco, se tiver de desposar alguma mulher, e amanhã estarei casada.

(*A Orlando.*) Deixar-vos-ei satisfeito amanhã, se em algum tempo vier a satisfazer a algum homem, e amanhã ficareis casado. (*A Sílvio.*) Contentar-vos-ei amanhã, se o que vos agrada vos contenta, e amanhã havereis de casar. (*A Orlando.*) Pelo amor que tendes a Rosalinda, comparecei. (*A Sílvio.*) Pelo amor que tendes a Febe, comparecei. E eu, que não tenho amor a mulher alguma, também hei de comparecer. E com isso, adeus; deixo-vos as minhas instruções.

SÍLVIO · Se estiver vivo, não hei de faltar.

FEBE · Nem eu.

ORLANDO · Nem eu.

(*Saem.*)

Ato V · Cena III

A floresta.

Entram Toque e Audrey.

TOQUE · Amanhã é o dia de júbilo, Audrey; amanhã estaremos casados.

AUDREY · Desejo-o de todo o coração, e creio que não é desonesto desejar ser uma mulher casada. Aí vêm os dois pajens do duque banido.

(*Entram dois pajens.*)

PRIMEIRO PAJEM · Feliz encontro, cavalheiro.

TOQUE · De fato, feliz encontro. Sentai-vos; sentai-vos e que venha uma canção.

SEGUNDO PAJEM · Estamos às vossas ordens; sentai-vos no meio.

PRIMEIRO PAJEM · Entrarmos logo no assunto sem pigarrear nem cuspir e sem declarar que estamos roucos, que é o prelúdio indefectível de toda voz ruim?

SEGUNDO PAJEM · Assim mesmo, assim mesmo, ambos num tom somente, como dois ciganos num só cavalo.

Canção

Um namorado com sua pequena
com hei, com hô, com noninô,

cortava a várzea de trigo plena
na primavera, tempo de amores,
tempo dos cantos, das lindas flores,
dos namorados.

Numa clareira que o trigo ostende
com hei, com hô, com noninô,
o par ditoso logo se estende,
na primavera, etc.

Este hino entoam com todo o ardor
com hei, com hô, com noninô,
não mais é a vida do que uma flor
na primavera, etc.

Fruí o presente, ledos amantes,
com hei, com hô, com noninô,
que o amor floresce poucos instantes,
na primavera, etc.

TOQUE · Francamente, mancebos, apesar de não ser a letra grande coisa, a música é intolerável.

PRIMEIRO PAJEM · Enganai-vos, senhor; marcamos o tempo certo, não perdemos o nosso tempo.

TOQUE · Sim, por minha vida; considero perder o tempo ouvir tão néscia canção. Deus vos guarde e vos conceda melhor voz. Vamos, Audrey.

(*Saem.*)

Ato V · Cena IV

A floresta.

Entram o duque sênior, Amiens, Jaques, Orlando, Olivério e Célia.

DUQUE SÊNIOR · Acreditas, Orlando, que o mancebo

consiga realizar quanto nos disse?

ORLANDO · Às vezes acredito, às vezes não, como o que espera e teme e disso vive.

(Entram Rosalinda, Sívio e Febe.)

ROSALINDA *(ao duque)* ·

Paciência, ainda, até cumprirmos tudo.

Dareis a Orlando Rosalinda, caso vo-la traga; foi isso o que dissestes?

DUQUE SÊNIOR · E com reinos de dote, se os tivesse.

ROSALINDA *(a Orlando)* ·

E vós, que, se a trouxesse, casaríeis?

ORLANDO · Ainda que eu fosse Rei dos reinos todos.

ROSALINDA *(a Febe)* ·

Ficastes de esposar-me, se eu quisesse?

FEBE · Ainda que uma hora após viesse a morrer.

ROSALINDA · Mas, se me recusardes, entregai-vos a este fido pastor como consorte?

FEBE · Assim reza o contrato.

ROSALINDA · Prometo resolver todo este embrulho.

Cumpri a palavra, oh duque, e dai a filha,

e vós, Orlando, a vossa, recebendo-a;

cumpri a palavra, Febe, desposando

este pastor, se a mim não vos unirdes;

cumpri a palavra, Sívio, desposando-a,

se ela me recusar. Urge que eu saia,

a fim de resolver todas as dúvidas.

(Saem Rosalinda e Célia.)

DUQUE SÊNIOR · Os traços deste moço me recordam algum tanto as feições de minha filha.

ORLANDO · Logo que o vi, milorde, pareceu-me

que ele era irmão de vossa bela filha;

mas nasceu nestas matas, meu bom príncipe,

tendo sido iniciado nos arcanos

de perigosas ciências por um tio

que, segundo nos pinta, é um grande mágico,

de fama obscurecida na floresta.

(Entram Toque e Audrey.)

JAQUES · É certeza estarmos na iminência de um segundo dilúvio, para que os casais afluam para a arca. Eis aí um par de animais bem curiosos, a que em todos os idiomas se dá o nome de néscios.

TOQUE · Saudações e congratulações a todos vós.

JAQUES · Dai-lhe as boas-vindas, milorde; este é o cavalheiro de entendimento pintalgado que encontrei freqüentes vezes na floresta; jura que já foi cortesão.

TOQUE · Se alguém o duvidar, que me ponha à prova.

Já dancei os meus compassos; adulei uma dama; fui político com os amigos e brando com os inimigos; arrumei três alfaiates; meti-me em quatro brigas e estive a ponto de liquidar uma delas pelas armas.

JAQUES · E de que modo resolvestes o caso?

TOQUE · Ora, na ocasião do encontro, verificamos que a briga girava em torno da sétima razão.

JAQUES · Como sétima razão? Meu bom príncipe, acolhei a este sujeito.

DUQUE SÊNIOR · Agrada-me bastante.

TOQUE · Deus vos guarde, senhor; desejo a mesma coisa de vós. Intrrometi-me aqui, senhor, entre os demais casais do campo, para jurar e perjurar até onde o matrimônio ata e o sangue desata: uma pobre donzela, senhor, uma coisa de aparência desfavorável, mas que me pertence; é um modesto capricho de minha parte, senhor, aceitar o que todos recusam. A castidade rica, senhor, do mesmo modo que o avarento, mora em casa pobre, tal qual a pérola na ostra imunda.

DUQUE SÊNIOR · Por minha fé, é muito experto e sentencioso.

TOQUE · São flechaços de bobo, senhor, e outros incômodos agradáveis.

JAQUES · E a sétima razão? Como percebestes que a briga era pela sétima razão?

TOQUE · Graças a uma mentira sete vezes removida — ajeita esse corpo, Audrey! — deste modo, senhor: eu achava insuportável o corte da barba de certo cortesão, o qual me mandou dizer que, se eu afirmava que sua barba não estava bem aparada, ele era de opinião contrária. A isso se chama Contestação cortês. Se eu persistisse em dizer que

não estava bem cortada, ele me responderia que a cortara para seu próprio gosto, ao que se dá o nome de Sarcasmo modesto. Se novamente eu afirmasse que não estava bem cortada, ele poria em dúvida a minha capacidade de julgar; a isso se dá o nome de Réplica incivil. No caso de mais uma vez eu afirmar que não estava bem cortada, me teria respondido que eu faltava com a verdade. A isso se chama Refutação valorosa. Se viesse à baila com mais um “Não está bem cortada”, ele diria que eu mentia; a isso se dá o nome de Réplica rixosa. E assim chegaríamos à Mentira circunstancial e à Mentira direta.

JAQUES · E quantas vezes afirmastes que a barba dele não estava bem cortada?

TOQUE · Não me atrevi a passar da Mentira circunstancial, nem ele ousou imputar-me a Mentira direta; e com isso, medimos espadas e nos separamos.

JAQUES · Poderíeis enumerar por ordem todos os graus da mentira?

TOQUE · Oh, senhor! Nós brigamos de acordo com as regras impressas, pelos livros, no jeito dos manuais de boas-maneiras. Vou enumerar-vos os diferentes graus: primeiro, Contestação cortês; segundo, Sarcasmo modesto; terceiro, Réplica incivil; quarto, Refutação valorosa; quinto, Réplica rixosa; sexto, Mentira circunstancial; sétimo, Mentira direta. É possível à gente esquivar-se deles todos, com exceção da Mentira direta, que, aliás, também poderá ser contornada por um “Se”. Soube de um caso em que sete juízes não haviam conseguido harmonizar uma contenda, mas que no momento em que as partes se encontraram para a decidirem pelas armas, ocorreu a um deles a idéia de um simples “Se”, mais ou menos deste jeito: “Se vós dissestes isto, eu disse aquilo”. Desta arte, trocaram apertos de mão e juraram amizade fraternal. O “Se” é um grande pacificador; há muita virtude nesse “Se”.

JAQUES · Não é um tipo raro, milorde? Em tudo ele é desse jeito; no entanto é bobo.

DUQUE SÊNIOR · Usa a loucura como disfarce de caçador, para disparar por trás dela os tiros do seu engenho.

(Entram Himeneu, Rosalinda e Célia.)

HIMENEU ·

Reina no céu alegria,
quando ele em paz e harmonia
aos homens prende.

Bom duque, a filha te traz
Himeneu, que ao Fado apraz,
apraz — atende —
ver que ora vais desposá-la
com aquele que soube amá-la.

ROSALINDA *(ao duque sênior)* ·

A vós me entrego, porque vossa eu sou.

(A Orlando) ·

A vós me entrego, porque vossa eu sou.

DUQUE SÊNIOR · Se a vista não me ilude, és minha filha.

ORLANDO · Se estou certo, és a minha Rosalinda.

FEBE · Se a vista se alia ao Fado,
adeus meu sonho dourado!

ROSALINDA *(ao duque sênior)* ·

Outro pai não desejo, a não ser vós.

(A Orlando) ·

Outro esposo não quero, a não ser vós.

(A Febe) ·

Se alguém for minha esposa, há de ser vós.

HIMENEU ·

Ficai quietos! A embrulhada
desta história complicada
vai ser alfim resolvida.

Oito mãos aqui presentes
por Himeneu, bem contentes,
se unirão por toda a vida.

(A Orlando e Rosalinda) ·

Vós, uma alma só sereis.

(A Olivério e Célia) ·

Vós, ditosos vivereis.

(A Febe) ·

Sois feliz; não quis a sorte
dar-vos mulher por consorte.

(A Toque e Audrey) ·

Como o inverno e a noite escura
vivereis sempre em ventura.

E enquanto cantamos juntas
saciai-vos de mil perguntas,
porque possa em plena glória
finalizar nossa história.

Canção

Núpcias, coroa de Juno altiva,

liame sagrado que os leitos prende!
É Himeneu sempre que o mundo aviva;
o mundo inteiro preito lhe rende.
A Himeneu demos os corações,

o deus eterno das gerações!

DUQUE SÊNIOR · Sois bem-vinda, sobrinha idolatrada,

não menos que uma filha muito amada.

FEBE (*a Sílvia*) · Não falto com a palavra; tua eu sou, tua fé meu capricho conquistou.

(*Entra Jaques de Boys.*)

JAQUES DE BOYS · Permiti que vos diga uma palavra:

de sir Rolando eu sou o segundo filho;

a esta bela reunião trago notícias.

O duque Frederico, tendo ouvido que para esta floresta diariamente afluíam muitos nobres, sem detença reuniu um grande exército, por ele mesmo chefiado, a fim de apoderar-se do irmão aqui presente e de matá-lo. Chegou a vir até a entrada da floresta; mas, depois de uma prática pequena com um velho religioso que aí estava, se converteu e renunciou a um tempo a essa empresa e às práticas do mundo. A coroa ele deixa ao irmão banido e restitui os bens de quantos vivem com esse irmão no exílio. Eis a verdade; juro por minha vida.

DUQUE SÊNIOR · Sois bem-vindo, mancebo. Que presente às bodas trazes de teu irmão! As terras um adquire; outro, uma terra imensa, um grão-ducado. Mas primeiro acabemos aqui mesmo na floresta o que teve bom princípio e foi bem concebido. E agora, todos os que sofreram tantas amarguras

conosco no desterro, vão, felizes, tomar parte na minha nova sorte segundo a condição de seus estados.

Mas por ora esqueçamos a grandeza nesta festa tão simples de beleza.

Música! Vinde, noivos! Hoje é o dia! vinde dançar ao ritmo da alegria!

JAQUES · Com permissão, senhor! Se ouvi direito, o duque adota vida religiosa

e ao fausto vão da corte renuncia?

JAQUES DE BOYS · Isso mesmo.

JAQUES · Vou procurá-lo; com esses convertidos a gente, conversando, aprende muito.

(*Ao duque sênior*) ·

Dou-vos a vosso Estado, merecido galardão da paciência e da virtude.

(*A Orlando*) ·

Vós, ao amor que vossa fé merece.

(*A Olivério*) ·

Vós, a terras, à noiva e a bons amigos.

(*A Sílvia*) ·

Vós, a um leito de há muito merecido.

(*A Toque*) ·

Vós, a rixas, que só por uns dois meses pode a viagem de núpcias ir em calma.

Dançai todos, alegres; bom proveito, que para esses compassos não fui feito.

DUQUE SÊNIOR · Ficai, Jaques, ficai!

JAQUES · Não, para ver folguedos; se ordenais Algo, estou na caverna que deixais.

(*Sai.*)

DUQUE SÊNIOR ·

Prossegui! Prossegui! Com alegria, demos remate aos ritos deste dia.

Epílogo

(*Danças.*)

ROSALINDA · Não é costume ver a heroína no papel de epílogo; mas isso não é menos desajeitado do que ver o herói servir de prólogo. Se é verdade que o bom vinho não necessita de rótulo, não é menos certo que uma boa peça dispensa epílogo. Contudo, põem-se sempre rótulos adequados nos bons vinhos, provando, igualmente, melhor as boas peças com o auxílio de bons epílogos. E agora, que situação a

minha, pois nem sou bom epílogo, nem posso captar-vos a benevolência a favor de uma boa peça! Não me apresento em trajos de mendigo, razão por que não me fica bem pedir-vos coisa alguma; só me resta interceder junto de vós, o que farei começando pelas senhoras. Concito-vos, senhoras, pelo amor que devotais aos homens, a gostardes desta peça tanto quanto vos for do agrado; e concito-vos, senhores, pelo amor que

COMO GOSTAIS

dedicais às mulheres — e o vosso sorriso me revela que nenhum de vós lhes tem ódio — de juntamente com elas vos agradardes da peça. Se eu fosse mulher, beijaria todos os que usam barba do meu gosto, ou que tenham rosto que me agrada e hálito que não repugne; e estou

certa de que todos os que têm barba bem-feita, ou rosto belo, ou hálito agradável, para corresponderem a esta amável oferta, hão de aplaudir-me quando eu lhes fizer a minha cortesia.

(Saem.)